

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL**

JANAINA MADEIRA BRITO STANGE

**UM SOLUÇAR DE VIDA!
CANTOS ECOANDO COM PROJETOS SOCIAIS
DE BARRA DO RIACHO**

**VITÓRIA
2010**

JANAINA MADEIRA BRITO STANGE

UM SOLUÇAR DE VIDA!
CANTOS ECOANDO COM PROJETOS SOCIAIS
DE BARRA DO RIACHO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional na área de Processos Educacionais, História e Cidadania.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elizabeth Maria Andrade Aragão.

VITÓRIA
2010

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

S785s Stange, Janaína Madeira Brito, 1979-
Um soluçar de vida : cantos ecoando com projetos sociais de
Barra do Riacho / Janaína Madeira Brito Stange. – 2010.
91 f.

Orientadora: Elizabeth Maria Andrade Aragão.
Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) –
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências
Humanas e Naturais.

1. Movimentos sociais. 2. História oral. 3. Psicologia. I.
Aragão, Elizabeth Maria Andrade. II. Universidade Federal do
Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III.
Título.

CDU: 159.9

JANAINA MADEIRA BRITO STANGE

**UM SOLUÇAR DE VIDA!
CANTOS ECOANDO COM PROJETOS SOCIAIS
DE BARRA DO RIACHO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional na área de Processos Educacionais, História e Cidadania.

Aprovada em 20 de setembro 2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Elizabeth Maria Andrade Aragão (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Institucional/UFES

Prof^a. Dra. Maria Elizabeth Barros de Barros
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Institucional/UFES

Prof. Dr. Luis Antônio dos Santos Baptista
Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFF

Para Fabrício Luiz Stange, porque o amor
se torna perene no tempo da alegria.

AGRADECIMENTOS

Não passo pelos momentos importantes da vida sem lembrar as lutas que marcam minha família Madeira Brito. Este trabalho se insere nessa história. Aos meus pais, Ivone e Ronaldo, credito o ensinamento de que é preciso sonhar para fazer a vida diferir. Aos meus irmãos, Ronald e Livia, agradeço a companhia e a inspiração sempre fervorosa, que faz do estudo uma ética de vida. Ao Fabrício devo a vida que me possibilitou chegar a este e a tantos momentos importantes. À família Remígeo, agradeço por existir na amizade. Sinto-me sortuda! Tive sorte de ter podido estudar; de ter trabalhado na Barra do Riacho e de ter tido as parcerias na Escola Zenília e no GAIA; de ter na vida a presença de Marluce, Liliane e Ironilda. Tive sorte ainda de ter tido parceiros na minha formação psicanalítica na UFES e na Escola Brasileira de Psicanálise/ES, onde a deriva foi uma necessidade. Sou grata pelo acolhimento que recebi no PPGPSI-UFES durante este mestrado. Obrigada aos professores, em especial a Beth Barros e Ana Heckert, por me desafiarem. Obrigada ao “grupo de orientação”, aos colegas do NEPESP e da Turma 2. Obrigada à Prof^a. Lilian Margotto pela companhia. À minha orientadora, Prof^a. Beth Aragão, devo certamente o vigor que encontrei para a produção, devo este encontro inusitado e extremamente feliz. Lembro a importância dos compartilhamentos teóricos de Lidiane Leite e Fábio Hebert. Reconheço e agradeço a Ricardo Bodart e a Henrique José pela amizade que alimentou leituras, e as leituras que seguiram fundamentando outros encontros em nossas vidas. Obrigada aos orixás pelo presente que são as amigas Juliana Archanjo, Mally Freire e Fernanda Zimmer. O Mestrado foi uma experiência linda. Por fim, creio que ele foi possibilitado, meio a tantas horas de trabalho, pelos dias que se tornaram mais leves na presença de meus parceiros e amigos do Programa de Saúde Mental da URS de Jacaraípe, em especial, à Saionara Cristina pela alegria que tem feito a vida mais poética.

A deriva de sentido é parte do trabalho do conceito, já que o conceito, como a madeira em construção, 'trabalha'.

(RENÉ LOURAU, 1990)

Tendo em vista o horizonte da criação, respiro o ar que movimenta as pequenas e as grandes indecisões, os tombos e as ascensões do corpo, as vontades e as necessidades do espírito caminhando, aos golpes e aos galopes, pelos territórios de uma solidão solidária.

(EDITH DERDYK, 2001)

RESUMO

Um soluçar de vida: cantos ecoando com os projetos sociais de Barra do Riacho é um dos estudos do Núcleo de Pesquisa Contornos de Cidades: movimentos e composições (PPGPSI–UFES). Esta pesquisa toma como terreno analítico os *movimentos sociais* de uma comunidade de periferia de Aracruz/ES. Um bairro que pode ser entendido como bolsão de pobreza, convergência de efeitos e contingências de uma região altamente industrializada e portuária com fortes tradições pesqueiras e indígenas. A pesquisa trabalhou na perspectiva metodológica aberta pela *história oral*, ouvindo a voz de moradores do bairro, fazendo das *narrativas* uma produção humana e da *narração* uma atitude. Um recurso político diante do contar uma história, diante da vida, de seus impasses e conflituosidades. Constrói, a partir desse eixo, narrativas de *histórias de vida* com moradores que se encontram com os projetos sociais, formalizados ou não por ONGs no bairro. A aposta e a experimentação das construções narrativas, com base nas *lutas sociais* e *sonhos* dos moradores, inserem-se na panorâmica acadêmica que contextualiza projetos sociais como uma ação no cerne da confluência perversa que caracterizaria o Terceiro Setor. Assim, ideias como cidadania, participação popular, ação e movimento social ganham contornos fundamentados agora por uma *política do tempo* e pelo entendimento de uma *realidade social* que é inventiva, plural e cheia de paradoxos, necessariamente como a condição humana.

Palavras-chave: Movimento social. História oral. Psicologia.

RÉSUMÉ

Um hoquet de vie: chants faisant écho avec les projets sociaux de Barra do Riacho est un des études du Noyau de Recherche Contours de Villes: mouvements et compositions (PPGPSI). Le terrain analytique consiste des mouvements sociaux d'une communauté de périphérie de la ville d'Aracruz/ES. Un quartier qui peut être vu comme un ensemble de pauvreté, convergence d'effets et contingences d'une région fortement industrialisée et portuaire avec la présence de fortes traditions de la culture de la pêche et indigène. La recherche a travaillé dans la perspective méthodologique ouverte par l'histoire orale, en écoutant la voix d'habitants du quartier, en faisant des récits une production humaine et de la narration une attitude. Une ressource politique face au raconter une histoire, face à la vie, de ses impasses et conflits. Nous avons construit à partir de cet axe, des récits d'histoires de vie avec des habitants qui se trouvent avec les projets sociaux, formalisés ou pas par des ONGs dans le quartier. Le pari et l'expérimentation des constructions narratives, à partir des luttes sociales et des rêves des habitants, s'insèrent dans la panoramique académique qui contextualise les projets sociaux comme une action dans le cerne de la confluence perverse qui caractériserait le Troisième Secteur. Ainsi, des idées comme citoyenneté, participation populaire, action et mouvement social gagnent des contours, fondés maintenant par une politique du temps et par l'accord d'une réalité sociale qui est inventive, plurielle et pleine de paradoxes, nécessairement comme la condition humaine.

Mots-clés: Mouvement sociaux. Histoire orale. Psychologie.

SUMÁRIO

1. Apresentando: o ontem e o hoje da dissertação	11
2. Marcando, assim, um ritmo para a pesquisa	12
2.1 Alargando passos e calçando o caminho: nossa form(ação)	14
3. Justificando: “É preciso sujar as palavras de mundo!”	24
3.1 Esta cidadania que desassossega. Será que suportamos?!	31
4. A história e a vida dão um tom para nossa conversa: da metodologia	45
4.1 Um passo a passo metodológico: de nossos procedimentos	57
5. “Três corações democratas”	60
6. O sol aquece o que há de ínfimo na vida.....	80
7. Referências.....	83
8. Apêndice – Termo de consentimento para a participação em projeto de pesquisa e autorização de publicação da narrativa	88

UM COMEÇO: UMA DECISÃO

Ninguém ouviu um soluçar de dor
No canto do Brasil.
Um lamento triste sempre ecoou
Desde que o índio guerreiro
Foi pro cativo e de lá cantou.

Negro entoou um canto de revolta pelos ares
No Quilombo dos Palmares, onde se refugiou.
Fora a luta dos infidentes
Pela quebra das correntes.
Nada adiantou.

E de guerra em paz, de paz em guerra,
Todo o povo dessa terra
Quando pode cantar,
Canta de dor.

E ecoa noite e dia: é ensurdecador.
Ai, mas que agonia
O canto do trabalhador...
Esse canto que devia ser um canto de alegria
Soa apenas como um soluçar de dor.

(CLARA NUNES, "Canto das Três Raças", 1974)

1. APRESENTANDO: O ONTEM E O HOJE DA DISSERTAÇÃO

Entramos numa sintonia com os versos cantados por Clara Nunes com o *Canto das Três Raças*, quando a música pôde pausar o percurso feito pela moça da fábrica no interior mineiro às rodas de samba e de bamba na grande cidade.

A música, mais do que um entretenimento, um samba! Uma invenção brasileira, arte singular feita por humanos com palavras ritmadas por valores universais. Com o samba, escutamos mil coisas – amores, desilusões, as necessidades diárias, um cotidiano simples e requintado na forma de sonhos... Sonho de sambista, sonho de brasileiro, sonho de gentes mil, que também faz do movimento popular uma forma de se fazer ouvir nos diferentes cantos da Terra.

Sabemos que são os sonhos que nos embrenhamos a perseguir. Persistimos assim num movimento de passos variados, batucados pelo não silenciamento da vida, ritmados pelas formas plurais de enunciar o sofrimento humano, de retratar as realidades sociais e, principalmente, as muitas saídas na lida da vida. Vamos às rodas encontrar os rastros, as marcas brasileiras, os feitos com o cotidiano. Riqueza de dizeres, fazeres e soluções para problemas, por vezes, academicamente complexos.

Movimentamo-nos da academia às ruas e nas tantas ruas presentes na academia, numa turnê que ensina ainda mais sobre a existência de cidadãos, a existência de intelectuais, de artistas, de brasileiros em terras brasileiras. Todos, e cada um, à sua maneira, podendo movimentar-se por questões nossas! Questões fundamentalmente de nosso bem comum!

2. MARCANDO, ASSIM, UM RITMO PARA A PESQUISA

Sensações, sentimentos, volições, representações, eis as modificações entre as quais a minha existência se reparte e que a colorem sucessivamente (HENRI BERGSON).

O texto que ora começamos a traçar também é um decantar no tempo! Ele pousa em uma dissertação de Mestrado, mas, de certo, tem sido escrito durante a vida. Quem sabe quanto tempo, os porquês e por quantas mãos? Quem sabe, ainda, se este texto que agora pousa, simplesmente o faz para fazer saltar aos nossos olhos alguns dos trechos ainda desconhecidos de nosso caminhar! Quem sabe se o porvir da vida também nele está, como num samba que, ritmado por uma memória de futuro, antecipa o pulsar em nossos corpos, faz durar o ritmo da **processualidade**, convida-nos a acompanhar os movimentos alegres da história e da dança.

É nesse tecer de nosso texto-vida que, por vezes, somos forçados a subverter a lógica costumeira do tempo. A subverter a tendência de nossos pensamentos racionais e de nossa história progressiva e cronológica. Passamos a conviver com um novo exercício **temporal**, dando sentidos muitos aos começos vividos; permitindo o súbito de alguns dos novos encontros e, não menos, as desconhecidas diferenciações em nosso próprio ritmo de vida e de viver.

Percebemos processar mudanças.

Muda o plano de visibilidade nas páginas dos livros, colorindo nossas encruzilhadas de caminhos com tantas outras perspectivas; não só recém-produzidas, mas intempestivamente (re)inventadas. Dançamos com novos passos por vezes estrangeiros, por vezes descompassados e, com estes, vamos tecendo algumas outras tantas composições.

Tecemos na vida diversos **Textos-Dissertações**.

Inventamos a todo o tempo problemas para a existência humana e somos reinventados também por eles. Podemos conseguir objetivações, pausar de alguma forma em certas mônodas conformadas, mas outras oportunidades de voo não se furtam de nos surpreender com desconforto. Rememoramos êxitos, fracassos,

tristezas, impasses, e é tensionando-os que tentamos colocar em análise nossas próprias composições.

Movimentos vão aí se fazendo. Traçamos apostas.

Nossas pesquisas devem levantar problemas fundamentais às ciências humanas, fundamentais também aos **humanos** de “carne viva” que encontramos pelas ruas, esquentando seu dia nos barracos e recriando traçados de sua história na escola, no bairro e pela vida afora. Deixamos faiscar o desejo de reafirmar uma aposta de luta continuada por dignidade e ética.

Um texto-sonho é assim riscado.

Recortamos, sintetizamos, fazemos e refazemos: com os livros, as gentes, nos encontros, sentindo o frescor das esquinas que dão passagem também às descontinuidades da vida. É aí que conhecemos um pouco mais do “nosso combate”: as tantas invisibilidades das existências humanas numa realidade social não menos riscada de misturas e de paradoxos.

Vamos com essa tensão em direção aos cantos dos Brasis que nos habitam! Em direção aos sabores e dessabores das gentes que se veem implicadas com questões candentes, como a pobreza e a possibilidade de um viver com ela. Gente que vive nas periferias. Gente que lida com o nada ocasional dos isolamentos, das inúmeras possibilidades de exercitar a cidadania, de caminhar livremente pelas vias, de se fazer parte delas.

Encaramos, assim, com intensidade a tentativa de construção de algumas “imagens” da gente brasileira. Imagem inacabada, aberta para as possibilidades oferecidas pelo pensamento, pessoa, escrita traçada. Obra de edificação de uma pesquisa, que também é uma história do presente, atualização intensiva do passado e do futuro das nossas inquietações com o panorama social. Sentimos que nosso **texto-vida-dissertação** se ritma agora na composição de apostas éticas coloridas, pretensiosamente dançante e seguidora dos rastros dos brasileiros que **soluçam dores, sonhos e lutas** com suas vidas.

2.1 ALARGANDO PASSOS E CALÇANDO O CAMINHO: NOSSA FORM(AÇÃO)¹

Paris muda! Mas nada na minha melancolia Mudou! Novos palácios, andaimes, blocos/ Antigas alamedas, tudo para mim se torna alegoria/ E minhas caras lembranças são mais pesadas que rochas (CHARLES BAUDELAIRE).

Pensar os *Movimentos Sociais*, refletir sobre suas transformações como terreno de participação política, conhecer a vida que se cultiva com as experiências em instituições do Terceiro Setor;² se é o caminho que este estudo compreende, têm sido também oportunidade de revisarmos pensamentos e posturas.

O aforismo da Análise Institucional,³ que diz que *toda pesquisa é necessariamente uma pesquisa intervenção*, constitui aí mais do que um desafio intelectual. Sentimos, em nossos corpos, nos dias, na forma de transitar pela cidade, de ver televisão, como a atividade de pesquisa pôde forçar substancialmente estranhos modos de estar na vida; forçou diferentes formas de pensar os problemas de pesquisa. Com estes, certamente, pudemos fazer alguns voos, pousos, mudança de rota.

Aprendemos, por exemplo, que abordar o tema dos Movimentos Sociais com foco nas diferentes formas de associativismo, na atualidade da participação da “sociedade civil” – como podem ser as experiências com *Organizações Não*

¹ Torna-se inevitável para nós trazer aspectos de nossa formação. Abordar o tema e a realização da pesquisa faz-nos atualizar também um fragmento de imagem da poesia de Charles Baudelaire; faz faiscar a nossa proposta de um *pesquisador-trapeiro* que, como gesto e atitude, tenta movimentar a pesquisa com os elementos menos evidentes de seu processo. Tenta, enfim, construir com o que, por tendência, poderíamos considerar como “lixo”, “desprezível”, “descartável” e/ou “desordeiro” no processo e na analítica da própria pesquisa (BENJAMIN, 2000). Convocamo-nos a considerar, neste item do texto, a necessidade de escrita de fragmentos-efeitos de nosso processo de formação neste mestrado.

² Gonh (2005, p.15) é quem esclarece que o Terceiro Setor, embora implique localizações históricas e filosóficas complexas, pode ser entendido como campo que compreende as “[...] novas formas de gestão dos negócios públicos, em políticas de parceria entre entidades da sociedade civil e governos; novas formas de fazer política entre os movimentos sociais rurais, com o uso de recursos da mídia e de espaços urbanos para dar visibilidade às ações; e novas articulações entre ONGs, governos e empresários [...]”.

³ Consideramos pertinente dizer que a Análise Institucional, área de concentração deste Mestrado, situa-se no campo aberto pelas contribuições socioanalíticas de René-Lourau e Lapassade (ALTOÉ et al., 2004; LOURAU, 1994), passando pelas implicações do pensamento de Michael Foucault no Brasil, com lugar peculiar também para o pensamento de Gilles Deleuze e de Felix Gatarri. Dada, portanto, a impossibilidade de tornar tal campo homogêneo (RODRIGUES, 2002), optamos por enfatizar aqui os eixos teórico-práticos que foram fundamentais à sustentação de nossa pesquisa, a saber: a) a indissociabilidade entre teoria e prática; entre pensamento e ação; b) a recusa ao domínio dos mandatos sociais e a consideração de possíveis na analítica de demandas sociais; e c) a importância da análise de implicação na produção de análises, quer seja esta *lato sensu* ou *stricto sensu* (ROCHA; AGUIAR, 2003; PAULON, 2005).

Governamentais (ONGs) – bem como nas ações sociais em comunidades de periferia, tem sido consagradamente campo para pesquisas em ciências sociais e políticas. Aí, diversas contribuições se fazem para pensarmos o funcionamento da política partidária e representativa; para abordarmos as formas de participação juridicamente organizadas; os acordos dos diferentes setores da sociedade na proposição de uma gestão “pública”; os gerenciamentos implicados no funcionamento de instituições como as associações sem fins lucrativos, etc.

Pesquisas sobre a temática na América Latina constituem importante herança para quem pretende mapear o campo multifacetado dos Movimentos Sociais (DAGNINO, 2002; GONH, 2004; OLIVEIRA, 2007). Fizemos esse reconhecimento! Varremos o campo (rastreando-o), situando minimamente nosso tema, possibilitando principalmente aproximações e diferenciações com o que vem sendo discutido em torno do que se denomina Terceiro Setor. Nesse movimento, construímos algumas concepções e entendimentos acerca do funcionamento desse campo, até porque nossa experiência profissional fora por ele atravessada.⁴

Adentramos, assim, essas vias abertas com leituras, construindo conclusões teóricas e posicionamentos que (para nossa surpresa) passaram também a se esvaír a cada tempo do processo de pesquisa. Até a qualificação do projeto desta pesquisa, víamos quadros teóricos se erguendo e se confrontando à nossa formação no contexto amplo da Psicologia ou, mesmo, das singularidades que implicam uma formação psicanalítica. Havia alguns fundamentos para a pesquisa que então germinava. Alguns destes, notórios. Foi quando nos indagamos quanto ao que faríamos com o que tínhamos. Para onde íamos? Por que arriscávamos em

⁴ A graduação feita na Universidade Federal do Espírito Santo (1998-2003) teve a aposta na Extensão, como dispositivo de encontro com as comunidades e o fortalecimento da relação com a Universidade e a Psicologia. Participar de Extensão Universitária, estruturar um Programa de Saúde Mental (SM) no Hospital Universitário, acreditando na ampliação do tratamento biomédico e psicologizante e na força comunitária, foi o que se configurou como caminho para o associativismo em nossa trajetória. Associamo-nos a pessoas e processos profissionais/políticos fomentando o voluntariado, fortalecendo instituições públicas fundamentais, elaborando a atuação em projetos, ações sociais e Organizações Não Governamentais. Essas apostas culminaram na nossa experiência de associativismo em duas ONGs: o Núcleo de Referência em Saúde (2002-2008) e o Grupo de Apoio à Criança e ao Adolescente de Barra do Riacho (2008...).

outros e novos “arranjos” teóricos para interagir com questões de nossa presença/atuação na sociedade brasileira?

Nos demos conta, em determinado momento da escrita da dissertação, que perguntas poderiam ser feitas para não obterem respostas. Visibilizar algumas questões demarcava o compasso do nosso entusiasmo com o pesquisar e a nossa necessidade de encontro com o alcance de teorias abertas e não absolutas. Víamos ainda a persistência em tratar (de alguma maneira) as marcas das experiências no nosso corpo, ainda que tão passageiramente conhecidas. Demos atenção ao que acontecia conosco. Persistimos sem um sentido claro que justificasse e formalizasse o que se processa na trajetória da pesquisa e, claro, no processo de formação indissociável dela. Experimentamos o desconforto! Em muitos momentos, não entendíamos o porquê da estranha convivência da *intensidade* com o *esvaecimento*, da *paz* com o *conflito*, do *confortável* com o *ingovernável* das ideias que movimentávamos.

Nessa esteira, vimos que nossa pesquisa também se fazia de forma aberta.⁵

A pesquisa se processava com as muitas interferências, como efeito da abertura ao encontro e do valor da alteridade que têm primazia, quer num processo de formação, quer na construção de uma analítica do enredo social. Uma analítica que se pretende sintonizada com a pluralidade de atravessamentos e causalidades. Isso de fato não poderia ser o tempo todo confortável! Nesta perspectiva de relação pesquisador-pesquisa-mundo, os ritmos necessariamente se misturam, se alteram, e as trajetórias podem, enfim, também ser atravessadas por paralisias melancólicas. Sentimos de perto o cheiro da *perda do halo*,⁶ um sopro de Baudelaire e gosto de

⁵ A concepção de *abertura* que trabalharemos aqui se baseia na perspectiva *germinativa* do pensamento e texto benjaminiano (1994), tão cuidadosamente trabalhada por Gagnebin (1993, 1997). Em nosso entendimento, cabe aí considerar os sentidos abertos numa *narrativa* (como o próprio Benjamin trata), abertos numa perspectiva de trabalho com a História e numa postura que se trata, sobretudo, do modo que tentamos entender a vida e nossas experiências. A saber, como não encerradas em estados definitivos, mas tecidas com interferências e possibilidades de mudança, ainda que junto a esse reconhecimento se dê a incerteza e a instabilidade.

⁶ A imagem que nos ocorre foi apresentada pela leitura da poesia boudelairiana, feita por Berman (1986). Halo, também entendido como a auréola dos corpos sagrados. A perda do halo seria a perda, ou abalo, da condição estruturadora e estabilizadora promovida pelo sagrado, pela religiosidade, em face ao embate com as tensões do capital, da ciência, da modernidade.

Walter Benjamim na caminhada rumo ao tempo prático do campo da pesquisa de mestrado. Nessa altura, não havia mais distinção entre o que líamos, escrevíamos e o que sentimos, vivemos com os livros, as teorias, parceiros de cotidiano e de trabalho.

Foi preciso entender que pensar a participação *moderna* da sociedade civil nos espaços públicos da atualidade se tornou indissociável de pensar algo da *modernidade*, com seus antagonismos, paradoxos, conflituosidades.⁷ Passamos a encarar a participação da população nos espaços comunitários, associada ao traço inexorável do *estar*, do *constituir-se*, do *tornar-se*. Não há um sentido único e suficiente para as experiências humanas. A realidade social, portanto, não se trata de uma *identidade* congelada, passível de desvelamento e conclusões definitivas de nossa parte.

Se, então, o ladrilho da segurança não fazia mais contato com nossos pés, como operar uma pesquisa reconhecendo relevância justamente nesse movimento que também dá lugar aos desmoronamentos?

Seguimos operando nossas pesquisas. E, com elas, entendemos poder operar vida! O que se processa conosco, os efeitos nos corpos, com os pensamentos se operam como nos Movimentos Sociais modernos e, não menos, nas atuais formas de participação política da sociedade civil, quer dizer, com feitura e variações. Nas comunidades locais, vemos o que faz contorno às formas plurais das pessoas se encontrarem e se apropriarem das experiências de seu bairro. Numa pesquisa-vida-mundo, as coisas não se constituem em apenas um traço, localizável, eterno e isento de confronto, precariedade e desmoronamento. Isento, por assim dizer, de finitude, de morte. Isento, por isso mesmo, de outras construções, possíveis *recomeços*.

⁷ Traremos outros elementos para construir um entendimento de modernidade durante a dissertação. Por hora, para fazer a afirmação acima, lembramos as contribuições de Kumar (2006), Bauman (1998, 1999), Berman (1986) e Gagnebin (2007), autores que não tratam a modernidade como fase, tampouco identitariamente como uma era histórica; um tempo cronologicamente situado, mas sim, diferentemente, a concebem como uma força que traciona a multiplicidade de movimentos na vida, na vida dos humanos. Movimentos estes que convergem o presente-passado-futuro de nossas problematizações e teorizações de forma intensa e conflitiva. Força, portanto, que é reeditadamente de mudança e de transformação.

Se, portanto, é possível localizar um efeito outro para a experimentação desta pesquisa com Movimentos Sociais, assumimos que estamos agora necessariamente com a perspectiva de *Ursprung*⁸ de Walter Benjamin. Estamos atenta aos *saltos e recortes inovadores* e possíveis no processo da pesquisa, possíveis numa leitura dos Movimentos Sociais brasileiros e, claro, no dispositivo que usamos para movimentar nosso pensamento.

Estamos aberta, por assim dizer, ao que pode eventualmente vir a estilhaçar o conforto sossegado de nosso próprio pensamento.

Foi essa (a)tenção que nos forçou, por exemplo, a pensar a experiência da Qualificação em muitos momentos da trajetória. Entendemos uma necessidade impressa ali, a de, enfim, cuidar da edificação de um *corpo-pesquisador* que também se construísse com o material de nossa própria vida. Com Bergson (2006), e na esteira do pensamento freudiano, entendemos que o passado está todo aqui conosco, com nosso trabalho, com nossa forma de experimentar a dissertação da pesquisa.

O passado se atualiza na duração de nossas vidas! Atualiza-se com o desejo de que a pesquisa seja uma produção de interesse público, fundamentada na experiência local de Barra do Riacho, Espírito Santo. Alicerçada na assertiva de que a *realidade a ser estudada, o campo de pesquisa*, trata-se sempre de uma invenção;⁹ são efeitos de construções que fazemos com a nossa história; de obras coletivas,

⁸ Com Gagnebin (2007, p. 10), importante leitora da história e narração benjaminiana, fazemos agora uma abordagem da *origem*. Em suas palavras: “O *Ursprung* designa, portanto, a origem como salto (sprung) para fora da sucessão cronológica niveladora à qual certa forma de explicação nos acostumou. Pelo seu surgir, a origem quebra a linha do tempo, opera cortes no discurso ronronante e nivelador da historiografia tradicional”. Essa perspectiva ganha força e nos lança ao reencontro com a perspectiva rizomática do pensamento de Deleuze (1995). Falamos de sua aposta na descontinuidade e na multiplicidade de começos no movimento das ideias, no movimento da vida. Tentaremos trabalhar orientadamente por essas concepções e já temos aqui uma possibilidade de sentido para o trabalho com o tempo e a historicidade.

⁹ Vale lembrar que, para Bergson (2005), a *inventividade* não é criatividade, sentido cognitivo e imaginário. Inventividade é atividade motora da vida que a faz criar formas novas, sempre. Esse é o movimento evolutivo. Na perspectiva não darwiniana deste último termo, o autor define: “As condições não são um molde no qual a vida virá se inserir e do qual receberá sua forma [...]. Ainda não há forma e é a vida que caberá criar para si mesma, uma forma apropriada às condições que lhes são impostas [...]. Adaptar-se não consistirá mais aqui em repetir, mas em replicar, o que é inteiramente diferente” (BERGSON, 2005, p. 63).

fortificadas em encontros imprevisíveis e inalcançáveis nas tentativas de planejamento total e no *a priori* das experiências.

Reconhecemos agora que, ainda que tal noção não seja exclusiva de uma *pesquisa-postura cartográfica*,¹⁰ de certo que foi no encontro com a discussão desse tema que passamos a trabalhar as limitações e provisoriedade de nossas inferências sobre “projetos sociais” em comunidades de periferia. Bem como trabalhamos a potencialidade dessas inferências menos como verdade e mais como possibilidade de efeito sobre a vida de quem as constrói.

Para nós, trabalhar o corpo-pesquisador é também tomar para si a responsabilidade de ocupar um lugar na Universidade Pública. É tomar cuidado com a tendência a encontrarmos subterfúgios para justificar teses e conceitos preestabelecidos – um *perigoso voluntarismo* – como nos lembraria Rodrigues (2004) em sua tese de doutorado. Uma tese lida como uma máquina que pôde rasgar caminhos metodológicos em nossa experiência, revisando paradigmas de pesquisa com a História e por meio da Psicologia.

É nessa esteira que aceitamos com Kastrup (2008) um convite para torcer a lógica relacional de uma científica hegemônica, a qual atribuiria domínio notório ao pesquisador em detrimento de um “campo de pesquisa”. Somos *tocados*¹¹ e constituídos, necessariamente, por aspectos do campo que nos atravessam, antes mesmo de esse campo se tornar um bairro ou uma comunidade visitada para pesquisa. O que pode, portanto, ocorrer nesse encontro *in loco* é a produção de uma reinvenção de sentido no tempo e no espaço. Nossa atenção é agora capturada

¹⁰ Damos ênfase aqui ao fato de que pesquisar é mais do que reunir procedimentos e aplicar conhecimento prévio. “Pesquisar é efeito de estratégias de encontros” (BARROS, 2008, *anotações de aula*), quando a postura em questão passa a ser a da entrega, a do lançar-se do pesquisador a um movimento que, como tal, só existe em virtualidades. Eis uma disponibilidade/postura que reconhecemos fundamentais na perspectiva de pesquisa cartográfica, método que bebe da fonte filosófica bergsoniana e deleuziana e que, em nossa rápida leitura, encontrou em Virgínia Kastrup (2007) uma referência para a operação da pesquisa.

¹¹ Fazemos alusão aqui às variedades da *atenção* de um pesquisador para o método da cartografia. Kastrup (2007) cita quatro modalidades de atenção do pesquisador numa postura cartográfica: o *rastreio*, o *toque*, o *pouso* e o *reconhecimento atento*. Se nos servimos dessas balizas aqui, é porque reconhecemos na experiência cartográfica uma orientação à nossa postura e experiência de pesquisador, mesmo que a cartografia não seja nossa opção metodológica,

involuntariamente por um campo problemático que é vivo e que à espreita anseia possibilidade de surpresa, trabalho, borracha e lápis.

Admitimos que o campo desta pesquisa exigiu-nos um confronto com nossas pulsantes nostalgias do não perdido. O campo desta pesquisa exige sempre o confronto com princípios que movimentam nossa vida.

Somos tocada pela *criminalização da pobreza* e pela *vilanização da periferia*, ideias que, como entendemos, se fazem subjacentes e naturalizadas com a crescente atuação de ONGs em comunidades de periferia.¹² Súbito efeito também nas possibilidades de trânsitos e movimentações dos moradores de territórios herdeiros da segregação social no Brasil. Somos tocada, não por menos, pela insistente necessidade de, neste país, fazer cantar as soluções cotidianas, dadas pelas pessoas aos impasses de suas existências.

Os sentidos atribuídos às nossas intenções no compartilhamento com a Banca de Qualificação¹³ (ainda que sua dimensão ritualística tenha nos impactado de forma estranha), fizeram-nos, então, encarar o que tentávamos já sedimentar com a obra em aberto que é nossa vida. Precisamos reconhecer que a cidade, o transitar nela, seus impedimentos, seus cruzamentos e esperanças capturam nossa atenção, porque nela os seres humanos são os agentes da construção e demolição dos espaços existenciais.

Na cidade, as pessoas tecem enredos com os entulhos de muitas vidas.

¹² Navegando por sites como www.abong.com.br (da Associação Brasileira de ONGs) e www.rits.com.br (Rede de discussão sobre o Terceiro Setor), observamos como há preocupação no registro e compartilhamento de informações que subsidiem e profissionalizem as ações sociais protagonizadas por estas vias. Notamos, contudo, que não surgem artigos/relatórios/reportagens abordando as atuações em áreas pobres, favelas e bolsões de pobreza, com dados e especificidades. Entendemos ser possível levantar tal fato, como efeito da lógica naturalizada de que, se há atuação de ONGs, esta é necessariamente em regiões marginalizadas. Se há ações com projetos sociais, estes são necessariamente para o dito pobre e favelado. Eis a face de uma associação direta feita entre territórios marginalizados e comunidades de risco, lógica subjacente à atuação das ONGs (no viés de ações sociais) no território brasileiro.

¹³ Lembramos aqui as contribuições substanciais dos professores: Dra. Maria Elizabeth Barros de Barros (UFES) e o Dr. Luis Antônio dos Santos Baptista (UFF).

Na cidade, as ruas, as histórias, as experiências são muitas. Os Movimentos Sociais modernos, com a face das criticáveis ONGs, com a construção de *projetos sociais*¹⁴ que podem ser de fato um engodo, não se veem diante de tantas vulnerabilidades e críticas à mercê da tecnologia e do uso dos humanos. As pessoas não estão fora do que se edifica numa cidade, bairro, instituição, política pública. Sendo assim, passamos a entender que derrubar certas edificações (e em muitos momentos tivemos esse perigo) é correr o risco de cometermos, juntamente, silenciosos assassinatos. Derrubar algumas estruturas é correr o risco de invisibilizar as vidas humanas que se misturam nesses escombros.

Agora, necessitamos decantar o pensamento em algum lugar: se formação é esse movimento continuado de produção de realidades, onde somos convocados, continuamente, a analisar os movimentos (objetos, relações, funcionamentos) que conformam nosso cotidiano, estamos aí, nós, seres humanos, comprometidos por inteiro com as ações que empreendemos (HECKERT; BARROS, 2007). Também comprometidos com as analíticas e diretrizes que orientam tais ações. Formamo-nos nesse movimento. Pesquisamos também num movimento. Aprendemos ou não aí. Então nos perguntamos: como uma pesquisa pode abrir vias para novos começos na vida? Como, em nossas múltiplas dimensões do viver, construímos com entulhos das existências várias que experimentamos? Como reconhecer valor nos rastros que são parte de nossas histórias de vida?

O que lembramos agora é um princípio ético que nos aproxima e nos difere de folhas secas em tarde de outono. Folhas que se despreendem, que se movimentam e interferem na estética das paisagens.

¹⁴ Os *projetos sociais* referidos são os espaços comunitários geralmente montados e geridos por ONGs ou por cidadãos de maneira não “formal” e “organizada”. A manutenção de tais projetos pode se fazer com o Estado (contrato, convênio, termo de parceria), com a iniciativa privada (financiamento) ou mesmo com outras entidades sem fins lucrativos (acordo de cooperação técnica). Os projetos são geralmente elaborados mediante um diagnóstico social, que define a situação social para intervenção, bem como o público-alvo, a metodologia, os objetivos, etc. No caso desta pesquisa, os projetos do bairro em questão compreendem, em sua maioria, ações socioeducativas. Elas podem ser mantidas por ONGs Cidadãs, como são conhecidas as entidades que medeiam políticas públicas e que trabalham no sentido da restituição de direitos violados.

Nossas passagens pelas paisagens de um bairro, os voos desgovernados que ousamos fazer por entre os projetos sociais não podem anular as histórias e as experiências, nem de nossa vida, nem das muitas que ali estão ou estiveram. A brisa que nos possibilita movimentar com as muitas histórias de anônimos é sempre bem-vinda nessa possibilidade de arejamento de uma nova vida, que é escrita e reescrita necessariamente com a memória do vivo.

Não entramos, assim, na Barra do Riacho para falar em nome de ninguém. Se concordamos com alguns autores e reconhecemos que ainda há *silenciamentos* na sociedade brasileira (MARTINS, 2008; ARAGÃO, 2007), não o fazemos com o intuito de falar em nome do dito favelado, pobre, experimentador de “situação de risco” e de “vulnerabilidade social” – como é definido o beneficiário de projetos sociais em comunidades de periferia. O desafio para nós se faz em outro sentido: em produzir algo *sobre o encontro* com “os que vivem uma vida diferente da nossa”.¹⁵

Por fim, assumimos conosco que esta dissertação seja possível como efeito de muitos voos, brisas e encontros. Nela, esperamos continuar trazendo menos a análise de uma voz que se constitui fora de nossos corpos (vozes neutras) e mais os efeitos de narrativas humanas, construídas não solitariamente com os entulhos das histórias, e atentas, por assim dizer, às fagulhas de vida.

Propusemos e seguiremos na intenção de interagir com o encontro dos moradores com projetos sociais implantados em Barra do Riacho – Aracruz – Espírito Santo, focalizando as lutas sociais e sonhos que se fazem visíveis na relação de suas vidas com esses projetos. Com esse movimento, construímos um diálogo com o campo dos Movimentos Sociais, por meio das *histórias de vida* narradas por participantes de projetos sociais, e apresentamos como essas histórias se entrelaçam com as participações.

Propomos, assim, uma dissertação narrativa de encontros!

¹⁵ Ponderação e alerta lançado na ocasião da Qualificação, fato que desafia a perspectiva de uma análise que não prioriza a romantização desta vida que não temos, tampouco a vilanização das práticas, como a atuação das ONGs e as configurações atuais de participação política popular. Perspectivas estas (ao contrário do que desejamos) idealizadoras e que por vezes podem contribuir para sabotar nossas análises.

As possibilidades desta pesquisa com projetos sociais de Barra do Riacho/Aracruz/ES e o quão da experiência local alude a aspectos da atualidade brasileira é o que passam a calçar nosso caminho a partir de agora.

3. JUSTIFICANDO: “É PRECISO SUJAR AS PALAVRAS DE MUNDO!”¹⁶

[...] Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos [...] Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal. Ninguém será mantido em escravidão ou servidão... Todos são iguais perante a lei... Todo ser humano tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado. Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão. Todo ser humano tem o direito de fazer parte no governo de seu país [...] Todo ser humano tem igual direito de acesso ao serviço público do seu país. Todo ser humano, como membro da sociedade, tem direito à segurança social, à realização pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada Estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade [...] (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, 1948).

Com o Mestrado nos vemos festejar também os 60 anos dessas prerrogativas, reconhecendo-as como feito de mobilizações, localizando nelas as letras empenhadas por uma vida muita além de conformidades individuais.

Atentamos aí para o fato de que os anos que as acompanham alcançam um pouco mais de uma geração. É preciso também atentar para o fato de que a feitura desse documento demarcou uma necessidade de intervenção num estado naturalizado de certas condições sociais. Sendo assim, o que festejamos é a possibilidade de pensar essas forças da Humanidade que prezam por dias melhores, sem esquecer que horizontes melhores se fazem a cada dia pelo ser humano, a cada ato balizado por uma perspectiva da vida em comum. O mesmo homem que é capaz de assim empenhar a vida é também capaz de fazê-la diferente.

Nesse sentido, são incontáveis as ações em torno de um mundo que tido como humanamente digno. São incontáveis as formas dos próprios seres humanos darem sua cota de contribuição para que a vida cheia de precariedades seja desafiadora.

Um plano de desafio, no qual se experimenta o que de superável é possível para as existências humanas e coletivas.

¹⁶ Essa frase foi proferida pelo professor Luis Antonio dos Santos Baptista, por ocasião do Seminário “A Vida como obra de arte”, realizado na Universidade Federal Fluminense, em novembro de 2008. Embora a frase estivesse circunscrita a um outro debate, ela instigou-nos a pensar o papel do pesquisador e as possibilidades de uma pesquisa enlaçada com os movimentos concretos e em processo no chão brasileiro.

Um plano onde as existências podem se defender de perspectivas tiranas, dos sutis abusos de poder; existências que se defendem da escassez de possibilidades de exercitar a cidadania, tomando esta última não tão somente pela luta por direitos violados ou não conquistados – ainda que consideremos tal empenho necessário. Mas por *direito*, e que chamamos aqui de fundamental, estamos entendendo aqueles que, como Telles (1997, 2003) afirma, se valem de um parâmetro de *justiça* e *igualdade* e não de um referencial de aquisição ou não aquisição de certos bens, muito menos de um referencial de aptidão e ajuste, comumente útil a perspectivas de cunho civilizatório.

Para Telles, a noção de direito, sobretudo de *direito social*, é uma noção complexa e ampliada à noção de legislação. Segundo a autora (1997, p. 4): “Para além das garantias formais inscritas na lei, os direitos estruturam uma linguagem pública que baliza os critérios pelos quais os dramas da existência são problematizados em suas exigências de equidade e justiça”. A justiça seria aqui um princípio que sinaliza para a invenção das regras da vida em uma sociedade. Telles acrescenta: “[...] os direitos são também uma *forma de dizer o mundo*, de formalizar suas experiências e o jogo das *relações humanas*” (1997, p. 11, grifos nosso).

Caminhamos seguindo e construindo uma paisagem que configure um campo problemático para esta pesquisa! Estamos pensando aspectos concernentes à *cidadania*. Mas uma cidadania que funcione como exercício, uma cidadania que é tomada como ação que considera a ocupação da vida em sua virtualidade.

Que possamos inserir algo real no passado e trabalhar assim de marcha a ré no tempo, nunca o pretendi. Mas que possamos ali alojar o possível, ou antes, que o possível vá ali se alojar por si mesmo a todo instante, isto não é de se duvidar. Ao mesmo passo que a realidade se cria, imprevisível e nova, sua imagem reflete-se atrás dela no passado indefinido; descobre-se assim ter sido desde sempre, possível; mas é neste momento preciso que começa a tê-lo sido sempre, e eis por que eu dizia que sua possibilidade, que não precede sua realidade, a terá precedido uma vez que a realidade tiver aparecido (BERGSON, 2006, p. 115).

Uma experiência social e política, nesse sentido, pode *atualizar* formas que já eram antes mesmo do que se tornam no agora da vida pública. Estamos com a vida, com o que se realiza no presente histórico, atentos também às formas de viver que se

atualizam pela virtuosidade de caminhos, encontros, relações e combinações sociais.

No possível de uma vida tomada como contínua construção, naturalizações perdem força. O fato dado e encerrado nas tantas configurações sociais que normatizam, que sancionam destinos, que totem liberdades, passa a ser rasgado pelos pulsos que movem os humanos nos percursos do viver. Pulsos que movem a humanidade na luta por diferentes condições de sobrevivência, por diferenciações de ser e estar no mundo e no terreno social. Rasgam-se destinos, porque estamos falando de movimentos que pretendem romper com determinismos e se fazer com a perspectiva dos tantos possíveis afirmados na duração¹⁷ das existências.

De certo, o mundo em que nos lambuzamos agora é um mundo ainda com imensa pobreza, mergulhado em mazelas, violências, administrações políticas atroz, desigualdades de acesso às políticas públicas e tantas outras dificuldades. No Brasil, ainda nos mobilizam questões como a miserabilidade de algumas regiões, o analfabetismo e a evasão escolar, bem como algumas formas degradadas de trabalho e moradia.

Passamos, neste cenário, a considerar que a possibilidade de haver um projeto político que se quer *democrático*, de haver cada vez mais legislações, normas, diretrizes, programas e projetos para fazer valer um alcance público para as políticas compõe-se com uma tentativa de tornar esta vida – não utopicamente límpida de contradições, problemas e desafios – certamente menos balizada por crueldades, pela extrema falta de acessibilidade, por brutais produções de impossíveis. Vidas que ainda experimentam desconhecimentos, impedimentos e silenciamentos.

¹⁷Para Bergson (2005), a *duração* seria esta dimensão de “continuidade indivisa” que dá prosseguimento, que dura, que se desenrola no tempo. Para nós, essas ideias ajudam a pensar a vida, as ações humanas, a história que os humanos tecem e constroem entrelaçadamente uns aos outros e que fazem das vidas necessariamente uma obra de existências vinculadas. Desenvolver gradativamente esse pensamento ajuda-nos a operar uma pesquisa que reconhece como objetos a *vida, a vida humana, a história, o pensamento*. Todos, parâmetros de uma *imagem de pensamento* que pressupõe a continuidade ao mesmo tempo em que reconhece, nessa continuidade, a possibilidade de diferenciação. Junção e diferenciação. Continuidade, mas continuidade que é passível de transformações e reinvenções.

Dizer, neste contexto, que o *governo é de todos* é exatamente pensar a possibilidade de confronto com as tantas massificações e autoritarismos. Pensar o enfraquecimento de uma mídia, uma cultura, uma ideologia que hegemoniza a oportuna fabricação de corpos isolados e intolerantemente confrontados. Acreditamos que com essas possibilidades a democracia se forja. Podem também ganhar força as mobilizações em torno da justiça social, as muitas *lutas* contra as desigualdades sociais gritantes, movidas e fortalecidas pela condição dos *sofrimentos* que ainda se atualizam entre nós.

Sawaia (2007) – leitora de Heller, Espinosa e Vigotsky – sinaliza para o conceito de *sofrimento ético-político/felicidade ético-política* diferenciando do estado de um corpo-alma que experimenta dor, tristeza, raiva e alegria. A importante autora da Psicologia sócio-histórica apostaria na *felicidade ético-política* justamente como afirmação de *um sentir* que “[...] ultrapassa a prática do individualismo e do corporativismo para abrir-se à humanidade” (p. 105). Um sentir que ultrapassa os próprios limites de pensarmos nossos corpos como isolados e independentes dos outros corpos. Estamos pensando, agora, num sentir que talvez possa lançar os corpos humanos para outros planos de experimentação *no encontro*, considerando também o díspar, o desconhecimento e a surpresa como elementos fundamentais à necessária desestabilização de nossas certezas. Voamos alto com este prisma! Aproximamo-nos de um pensamento que pretende se defrontar com o paradoxo e a crueldade que saltam aos nossos olhos e se inscrevem em nossas práticas cotidianas, quando “[...] ao mesmo tempo em que se valoriza o afeto e a sensibilidade individual, assiste-se à banalização do mal do outro, a insensibilidade ao sofrimento do outro” (p. 106).

Produz-se entre nós, cada vez mais, a indiferença. Produz-se, de forma alarmante, a crença de que a vida que não vivemos não nos diz respeito.

Em contraposição a esse caminho, Walter Benjamim (1994), em sua *tese 02* sobre o conceito de História, lembra-nos de que somos tocados por um sopro de ar que já foi respirado antes. Confirma, assim, a importância e a ligação entre as vidas das pessoas e gerações. Para nós, é a essa dimensão de vinculação que damos lugar de relevância em nosso pensamento. Uma vida que se faz, e que é pensada pelas

vinculações, é o que funcionaria como materialidade para continuarmos abordando a noção de humanidade e de solidariedade humana.

Passamos, nesse bojo, a encarar a indiferença aos sofrimentos humanos como uma estratégia de entorpecimento dos corpos individualizados. Endurecimento, como sustentabilidade para certos estados naturalizados de vida e de viver. Em meio a isso, seguimos apostando numa experimentação da vida que não desconsidere a possibilidade de enlace das existências. Apostando num viver que fortaleça a continuidade de vida entre os seres humanos, fazendo saltar a imagem do sofrimento social como chance de reagirmos com maior plasticidade e força perante as determinações sociais. Uma postura que implica considerar o encontro e, assim, o contato e a afetação como armas de luta cotidiana. Precisamos considerar as estratégias, a modelagem e a inventividade na arte de viver.

Assim, vai ficando evidente para nós que não estamos aqui para fazer desta pesquisa uma proposição centrada nos inúmeros antagonismos humanos, tampouco nos tantos binarismos que poderiam compor uma trama social – individual/coletivo, público/privado, incluído/excluído, etc. Se uma polarização entre o que de “bem” e de “mal” se presentifica em nossas análises das configurações sociais se faz é porque esses pares (tendenciosamente dualizados) estão a todo tempo se confrontando e se misturando nas realidades sociais em que *atualizamos*. O tensionamento das oposições e a convivência do que soa paradoxal fazem parte desta vida que não está pronta e acabada, mas que se arranja de alguma forma também com as dualidades.

Pensar elementos da *modernidade* é o que nos acompanha agora! Uma aposta na sua condição de transversal em nossas percepções, ajudando a ressignificar algumas experimentações sociais e colaborando para a construção do entendimento de como vivemos as complexidades de nosso tempo. Berman (1986, p. 15) diria que “[...] a modernidade une a espécie humana”. Ele acrescenta, contudo, uma ideia fundamental: trata-se de “[...] uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade [...]”; dito de outra forma, a modernidade pode ser isto que nos despeja, portanto, o tempo todo, num turbilhão de contradições, lutas, desacertos, ambiguidades.

Mas, que caminho é este que percorremos com a pesquisa? Fazemos um caminho pela tentativa de dar visibilidade aos *projetos sociais* que tomam a dimensão do humano e da humanidade como este plano do *comum* ambíguo. Um comum nosso que é necessariamente atravessado pela pobreza, mesmo que não sejamos pobres; pela violência, embora não sejamos vítima; pela injustiça, descaso, negligência e naturalização das precariedades conformadas curiosamente pelas ações também de humanos. Por Nós! Muitas vezes surdos, cegos, silenciados e anestesiados pelas promessas falaciosas de um mundo ancorado no desejo de uma globalização com marcas de progresso material unificado. Muitas vezes impedidos de acreditar, como bem disse Baptista (1999, p. 30), na “[...] solidariedade gerada pelas interpelações do diverso e da indignação”. Estamos agora falando de implicação.¹⁸ Inserção, mas não somente isso. Falamos de atravessamentos e de nossos compromissos com este mundo social que nos habita, antes mesmo de nós o habitarmos.

Falamos ainda de um indignar-se como possibilidade de construir vinculações, responsabilidades e interesses nas mil formas do sofrer nesta vivência política e social, mesmo que este *sofrimento* não implique apenas a dor, a lamúria, a vitimização e a tutela de pessoas. Encontramos agora a potência do pensamento de Deleuze em *seu verbete joie* (alegria).¹⁹ Diríamos com isso que, exatamente, por não se tratar de interesse restrito nos sentimentos, interpretações e estados humanos individualizados e privativos, justamente por dizer respeito ao enlace humano, tomamos as questões sociais como *sofrimento ético-político*, conferindo-lhe maior combatividade.

Acreditamos haver, assim, ampliação das forças na luta por justiça social.

¹⁸ Trata-se aqui de um conceito importantíssimo para a Análise Institucional. Para Lourau (2004), a *implicação* seria o “nó de relações” que nos atravessa e que podemos nomear. Pensar nossas implicações seria considerar nossos lugares, pertencimentos, relações, arranjos sociais. É nessa perspectiva que operar uma *análise de implicação* como ferramenta ética na pesquisa torna-se um instigante exercício, o que nos ajuda a dizer sobre o que fazemos ou não fazemos, de forma a criar entendimentos desses pertencimentos, relações e produções.

¹⁹ Referimo-nos aqui à entrevista concedida por Gilles Deleuze à Clair Parnet (Paris) entre os anos de 1988 e 1989, publicada inicialmente em áudio e conhecida como “Abecedário de Gilles Deleuze”. O que convoca a nossa atenção é a possibilidade de pensar a alegria não tão somente como um afeto, mas como uma postura na vida. Uma ética do viver. Uma possibilidade de movimentar-se pela vida com maior plasticidade e, portanto, com maior combatividade às suas asperezas.

Há abertura de possíveis, quando pensamos as realidades como efeito de nossos encontros, feitos, ações, construções *de e com* realidades plásticas. Nesse sentido, definitivamente, não podemos pensar a partir de atos solitários, ainda que estes se deem como tendência. Agora, são as vozes misturadas de Baptista (1999, p.77) e Muane²⁰ que, desde o projeto desta pesquisa, estilham uma aposta no compartilhamento da vida: “As forças do mundo não cabem todas numa só pessoa; o mundo está cheio delas, diferentes, contrastantes, de várias intensidades”.

Firmamos, assim, nossa cabeça nos santos e no legado das existências e forças outras. Estamos destacando a importância de pensarmos redes de solidariedades, embora sejamos obrigados a reconhecer que também as solidariedades estão sendo minadas (ARAGÃO, 2004, 2005). Focamos na chance de (re)agirmos diante de aspectos de valoração e da promessa capitalista que é um engodo, quando pensamos nos concretos acessos de bens materiais das camadas populares, acessos que, por vezes, tornam os pobres e a pobreza cada vez mais invisíveis (MARTINS, 1997; BAUMAN, 1999).

O que firmamos e esperamos são outros efeitos de nossa ação diante de políticas públicas cada vez mais precárias, fragmentadas e que insistem em definir a perspectiva da universalização dos direitos (TELLES, 1997, 2000). Enfatizamos, nesse caminho, a necessidade de encararmos a concretude de um Estado e, não menos, a concretude de políticas públicas que têm, como estratégia de sobrevivência, a convivência com os ajustes neoliberais, como bem definiu Francisco Oliveira (2007) e também Evelina Dagnino (2002). Esta última, em estudos que analisam especificamente algo do campo desta pesquisa, a saber, as ações sociais produzidas pelas parcerias ONGs-Estado-Iniciativa Privada.

Dagnino (2002, 2004) foi quem, por assim dizer, nos sinalizou a existência da *confluência perversa* entre o que se conhece como Mercado e Estado, ambos exigindo uma *sociedade civil* ativa e propositiva e cada um, contudo podendo estar num movimento de projetos políticos, por vezes, até opostos. Para Dagnino (2002, p. 289), “[...] essa confluência faz com que a participação da sociedade civil se dê

²⁰ Personagem de **Cidade dos sábios** (BAPTISTA, 1999).

hoje em um terreno minado [...]”. Para nós, em extensão, isso quer dizer que temos, nesse terreno minado, um campo profícuo para pensar como as pessoas se vinculam e operam a vida, a luta, os sonhos em ares considerados difíceis e inóspitos.

Melhor dizendo, para nós, a ideia de confluência significa que não nos colocamos diante da necessidade de identificar de qual lado estamos, ou de como poderíamos valorar as experiências atuais de mobilização social. Muito menos, que precisamos nos empenhar numa pesquisa que visa a encontrar qual participação política é a ideal ou se baseia em um projeto democrático que se pretende mais justo e límpido de contradições.

Não nos empenhamos em definir quem sabota o plano do comum, pois passamos a entender que este é exatamente desunificado aí, onde toda essa confluência comparece. Onde comparecem perspectivas minoritárias, de luta, de reivindicação, de batalha por uma vida melhor misturada com velhas e novas formas de tirania – renovadas e ajustadas a um presente histórico que também as oportuniza. Um presente em que, de certo, tem o Estado, a Iniciativa Privada e a Sociedade Civil (todos nós) se encontrando, construindo e efetivando práticas, ações, parcerias sociais, atuando concretamente com esse terreno social que desafia a todos. Eis, por hora, uma concretude mundana para nossas letras e teorias. O que entendemos é que essas parcerias e vinculações são concretudes, que certamente propiciam aos seres humanos conviverem e viverem apesar de muitos pesares.

3.1 ESTA CIDADANIA QUE DESASSOSSEGA. SERÁ QUE SUPORTAMOS?!

Seguimos no movimento que possibilita trabalhar um campo problemático para a pesquisa.

Estamos configurando uma paisagem para tratar o tema dos *Movimentos Sociais*, ainda que tomados polemicamente nessa denominação. Pensamos *políticas de interesse público*, embora estejam estas atravessadas pelos inúmeros privatismos que a vida pública comporta. Contornamos a perspectiva de *luta democrática* e também as atuais e contraditórias formas de participação política e, claro, certas concepções de *cidadania participativa*. É aí que nos encontramos com pessoas

empenhando seu posicionamento diante das alteridades, tecendo as tantas *sociedades civis* de nossas ruas, bairros, cidades inteiras. O terreno da pesquisa vai assim se formando com as ações que se dizem sociais, vinculadas às políticas públicas em efetivação e aos *associativismos* que se estabelecem no cotidiano e a partir deste.

É quando nos perguntamos: como pensar esses elementos sem que sejam nossas *categorias analíticas* tendenciosamente estanques? Categorias com as quais classificaríamos e definiríamos o que é válido ou não das experimentações em curso nos singulares cantos do Brasil. Como podemos construir com esses atravessamentos sociais uma relação, precisamente, ética e menos moralizadora?

A ética, lembra-nos Machado (1999, p.152), é uma perspectiva que nos colocaria disponíveis aos encontros e às desconhecidas, porque ainda serão inventadas, produções sociais, já que “[...] remete-se a um jogo dos problemas e das perguntas, e não do categórico e do hipotético [...]”. Em outros termos, remete ao nosso pensamento o desafio de “[...] trabalhar sempre no limite da ignorância [...]” (p. 152). É a ética que nos força a sair de certa tendência conformada a ideais prévios. É ela que trabalha nosso corpo para o confronto com o inusitado dos processos de redemocratização em curso no Brasil. Na abordagem da temática da pesquisa, precisamos de uma ousadia: inventar a todo o tempo formas de nos relacionarmos com a pesquisa (de produzir os dados e a análise) estando, como disse a autora, “[...] abertos às transformações que vêm sem selo de garantia de um ‘melhor’ absoluto, apostando em perspectivas de mudança que são provisórias e precisarão ser sempre problematizadas” (MACHADO, 1999, p. 160-161, grifos do autor).

Não é incomum, contudo, que nossas idealizações possam encontrar no que é novo um obstáculo. Obstáculo ao conhecer, também ao experimentar e, por que não dizer, obstáculo a tomar o espaço público como um campo propício aos *encontros desalinhados*.

Tendemos a falar de diversidade e esperamos a homogeneidade. Queremos a falar de produção de diferença, mas desconsideramos a necessidade de firmar os princípios que regem nossa postura ética e política e passamos a considerar (com

maior ênfase) o julgamento do que não se ajusta, ou se ajusta, a nossos ideais de participação política e de mobilização social.

O movimento que se fortalece no mundo, em torno das novas *organizações sociais*²¹ (principalmente a partir da década de 1990), coloca-nos no fogo cruzado desses e de outros impasses. O movimento nos mostra o quanto esses impasses são exatamente os que desassossegam a cidadania na história que construímos com alguns dos nossos *agoras*²² – o agora da organização política cotidiana; da participação da população na construção de um espaço de vida comum dignificado e, não menos; o agora da mobilização por dias mais leves de mazelas e mais coloridos de outros possíveis sociais.²³

Há nesse desassossego quem considere que o campo das ONGs e das Parcerias Público Privadas, as PPPs,²⁴ constitui-se em desafiadores *novos movimentos sociais* (GONH, 2003, 2004). Há quem debata as implicações dessas atuações no campo político, deixando clara a distinção com o tradicional campo dos Movimentos Sociais, como se a leitura do que ocorreu no País, nesses anos de 1970 e 1980, apresentasse atravessamentos muito diferenciados do que se processa com as ONGs que “desenvolvem” ações sociais (DAGNINO, 2002, 2003; TEIXEIRA, 2002; TELLES, 1997, 2000). Fato é que as ONGs e as parcerias, que efetivam políticas de interesse público, se tornaram uma presença notória no território nacional.

²¹ Para Telles (2000) “Essa figura jurídica cria as condições jurídicas para se ter a possibilidade de garantir os direitos sociais de forma moderna, competitiva, eficiente, por meio de organizações “sem fins lucrativos” que é aquilo definido hoje em dia como o terceiro setor”. A cientista social acrescenta o quanto é complicado “[...] proceder-se a essa reconfiguração das ‘políticas públicas’ - porque isso não é política, já que é uma transferência de responsabilidades em nome da capacidade empreendedora, associativa, solidária e organizada da sociedade civil”.

²² Desde o início do texto, estamos trabalhando nesta perspectiva instigada por Benjamin (1994), em que o *agora* é a dimensão que une intensivamente um tempo que é ordenado em presente-passado e futuro. É o *agora* o momento-chance de combatermos, lutarmos, diferirmos na vida. Momento do verbo, tempo-presente da ação.

²³ Localizamos a dimensão de “outros possíveis” como uma diretriz fundamental. Com ela, negamos a realidade dada e encerrada em si; com ela, reforçamos o princípio bergsoniano, quer seja, de que o *élan* vital se assenta na perspectiva inventiva. Nessa direção, agimos, combatemos, podemos, enfim, acreditar e fazer diferente. Produzir diferenciações e por isso tomamos o enredo social como paisagem para operarmos diferenciações de vida e de viver.

²⁴ Sigla referente às parcerias público privadas. Parcerias efetivadas juridicamente para a implantação e o desenvolvimento de ações sociais. Vale lembrar que o governo seria o de domínio público. As empresas, de cunho privado. As entidades sem fins lucrativos, no entanto, são consideradas instituições públicas de direito privado. Vemos já nesse fundamento como a tensão e o conflito as constituem.

Teixeira (2002) demarca que foi com a Conferência da ONU sobre meio ambiente (Eco 92), que o termo ONG se popularizou no Brasil, reconhecendo que essa década produziu uma onda que teria aglutinado as entidades no mundo inteiro. Em nosso país, o governo do sociólogo Fernando Henrique Cardoso (1995 a 2002) fortaleceu esse processo, principalmente com a criação do *Programa Comunidade Solidária* e a aprovação da *Lei das Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público* (Lei de OSCIP, 23-03-1999). Esses seriam marcos legais de incentivo ao *voluntariado* bem como à institucionalização das *parcerias*, como meio de se fazer política pública e ação social a partir de então. Passaríamos a viver um misto de intenções com a “filantropização” da política social, não inédita, mas certamente renovada em outras institucionalidades.

A partir da década de 1990 configurar-se-ia, assim, um novo cenário da participação popular no encaminhamento das lutas sociais. Agora presentificado pela “perda” do caráter mobilizador, que teria sido marca dos então sujeitos políticos (sindicatos, associação de moradores, movimento organizado por habitação, terra, saúde, educação, conselhos gestores, etc.). Atores estes fortalecidos nos anos de 70 e 80 e que, por vezes, conseguiram colocar importantes questões sociais na arena política, dada a abertura feita pela dita *política participativa* à tradicional e conhecida política *representativa*.

Para Sader (2001), alguns movimentos sociais consistiam exatamente num *novo sujeito coletivo*, que colaborava para dar visibilidade pública às reivindicações sociais empenhadas pela então reconhecida *sociedade civil brasileira*. Para o autor, é por meio dessas lutas que se produziam “[...] cortes e combinações de classe, configurações e cruzamentos que não estavam dados previamente” (p. 48). Nesses efeitos *novos* – visibilizados por Sader (quando do encontro com os movimentos operários de São Paulo, nos anos de 1980) – localizamos uma função fundamental para pensar e considerar os Movimentos Sociais. Fundamental por sua função, mais como possibilidade de intervenção nas condições sociais e na história de vida das pessoas – reação a um determinado mandato social que estabilizaria formas – e menos como ponto de vista estrutural, organizacional, formal ou jurídico.

Um *movimento social* – como encaramos neste sopro de historicidade que discute por fim sua efetividade – é o que comporta uma perspectiva ativa diante da realidade social em constante configuração. É movimento, também, quando pode ser meio, possibilidade, canal de passagem para diferentes ações, forças, aspirações, sonhos, quer dizer, movimentos que se configuram em ação como deslocadores de duras predestinações.

É nesse sentido que surge reincidentemente, na pesquisa, a aposta na produção dos *cruzamentos* de corpos, mundos, lugares sociais, posturas políticas. É pelo encontro com a alteridade que é possível considerar deslocamentos, uma atitude que nos coloca de forma diferente na própria abordagem do campo problemático, conforme vem sendo tratado na literatura. Falamos da aposta no não recuo analítico diante dos impasses e conflituosidades que a vida presenteia. Deslocamo-nos, necessariamente, em direção a um não condenar de antemão o terreno dos movimentos políticos, sociais e humanos, insistentemente reeditados no Brasil. Ainda que estejamos contextualizando este *Brasil do desmanche na sua Era da Indeterminação*, como fora pensado, por exemplo, o governo de Fernando Henrique Cardoso por Francisco de Oliveira (2007).

É inegável que a década de 1990 e os seus rastros pesados provocam questionamentos quanto às características de um movimento social, de como este empenha lutas, de qual lugar se mobiliza, assim como os valores e projetos políticos que defende.

A conflituosidade, contudo, a nosso ver tão valorizada em uma perspectiva de *política como dissenso*, não se exime de se fazer presente também na afamada década de 1990. Esta última segue desalinhando tendências identitárias, conformando outras tantas composições e atravessamentos da novata perspectiva de *negociação* política e de invenção do espaço público, mesmo com a forte perspectiva da *gestão do Terceiro Setor*. Para alguns, essa gestão é, contudo, uma efetiva “despolitização dos movimentos sociais” e não menos, por assim dizer, um notório “simulacro da sociedade civil”.

Oliveira (2007, p. 41), por exemplo, considera que as novas organizações da “ética empresarial” (como são chamados os acordos no terreno do Terceiro Setor) se engendram nesta *Era da Indeterminação*, quando as forças e as posturas políticas não estão mais claras, tampouco consistentes. Nas palavras do autor, o que acontece de evidência neste momento “[...] é uma ‘onguização’ da política social que concorre com o Estado e com os partidos desde a formulação de políticas locais e focalizadas até a distribuição de alimentos”. A lógica reconhecida como *de mercado* se mistura mais uma vez com um Estado que privilegia projetos filantrópicos e de reparação de danos, não abrindo mão de um prisma de cidadania e de direitos sociais com cara de ação social moderna.

As críticas a esse movimento, que se assentam na presença das ONGs mediando projetos sociais, parecem ter lugar comum entre renomados cientistas sociais e políticos. Muitas vezes, não é suportável também ver o desmanche de categorias científicas caras às ciências sociais como política participativa, cidadania, sociedade civil, movimentos sociais, direitos sociais, para lembrar algumas que já trouxemos no texto. Assim, como não é suportável encarar um movimento neste social que tem o *progresso social*²⁵ como um argumento-chave, fortalecedor de uma *gestão do social* que se torna uma bandeira de luta.

A surpresa neste destino está numa ideia de “corrupção” do que se determina como “a política”.

As novas entidades (ONGs Cidadãs, por exemplo) encontram, na *reorientação tecnificista*, a tônica de uma *gestão* das cidades baseada em *diagnósticos* e em *resultados* sociais, tônica também conhecida como a da “profissionalização dos

²⁵ A partir de uma analítica de Marshall Berman (1986) da obra gaethiana, **O Fausto** – tomando a modernidade como analisador dos atravessamentos sociais localizáveis na clássica obra – trabalhamos observando como os aspectos da inovação constante e do progresso acentuam uma abordagem também moderna das ações sociais viabilizadas por ONGs. O bairro terreno desta pesquisa traz as questões que ditam o ritmo acelerado das negociações empresariais para o cerne do cotidiano. O espírito “fomentador” atravessa os projetos sociais, produzindo conflitos com seus projetos políticos e, sobretudo, com o uso que os cidadãos do bairro fazem deles. “Fomentando o cotidiano no bairro de peixes frescos” (STANGE; ARAGÃO, 2009) foi uma forma de tratarmos esses elementos durante o processo de pesquisa. O trabalho foi apresentado no II Congresso Internacional UFES/Université de Paris-Est, com o tema **Cidade, cotidiano e poder** (novembro de 2009) e encontra-se publicado em Anais digitais.

movimentos sociais”. Junto a isso, o que testemunhamos são mudanças na forma de participação política e, mesmo, na militância dos agentes sociais engajados desde outrora em lutas que culminaram, por exemplo, na Constituição de 1988, no Sistema Único de Saúde (SUS/1990) e no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECRIAD/ 1990).

Paoli (2007), a título de ilustração, é uma destas autoras que polarizam as dimensões: gestão e política. Ela afirma que a lógica que valoriza a técnica produz uma gestão de sobrevalorização das leis do mercado, o que custa caro à noção de política, à afirmação do espaço público como “lócus do dissenso” e ao encaminhamento das questões de injustiça social. Para ela:

É no vazio da política que a violência e a gestão das populações se instalam e produz a ausência do mundo partilhado como referência de estar no mundo: substituem os espaços públicos por estratégias de autolegitimação, ao nos convencer que, diante da nossa urgência, o **conhecimento especializado** de técnicas e **fórmulas de intervenção** está aí para resolver os problemas com **eficácia** e nos proteger do incerto. O que elas configuram, no entanto, é um modo de gestão da vida coletiva que faz repetir, mais uma vez, o **bloqueio** dos caminhos que podem revitalizar o impulso das idéias e ações democráticas, ou seja, política (PAOLI, 2007, p. 226, grifo nosso).

O que Paoli (2007) (inspirada nos ares frankfurtianos) chama de violência trata-se também do silenciar deste cidadão que, se não tutelado pelas “fórmulas de intervenção técnica” – e não alvo de higienização terapêutica e pedagogia social – poderia (o cidadão) dizer do espaço público da cidade, porque, nesse espaço vive, ocupa e interfere com diferentes formas de estar no mundo.

A nós, diante do debate, impressiona ainda a capacidade de tirarmos das mãos das pessoas a legitimidade de suas lutas e os meios de sobrevivência que, por vezes, nossa racionalidade acadêmica também não pode alcançar.

A nosso ver, este caminho técnico, que marcaria o nascimento de *projetos sociais* como alternativa política, para “solucionar” questões sociais modernas (ou seja, as

novas desigualdades sociais),²⁶ entra num limbo que corre o risco de expropriar do vivente a possibilidade de saber sobre a vida e de enfrentá-la – enfrentamento este que parece (dito de outra maneira) ser tão importante quanto eventuais categorizações conceituais que priorizamos. Não que estejamos aqui numa proposição de negar a importância de algumas categorias e conceitos. O que consideramos ser preciso lembrar é a condição de provisoriedade de seus sentidos e, claro, as potencialidades várias e não universais que as lutas humanas implicam, podendo não ser acolhidas nessas categorizações.

Consideramos, todavia, uma importante inquietação na perspectiva de Paoli – ainda que a polarização entre técnica e política precise sofrer deslocamentos e ceder espaço ao reconhecimento de que não há ação humana fora do plano político, diríamos que sua inquietação tem algo libertário, uma vez que denuncia e tenta intervir nos meios legais que instituem lugares silenciados. Esse silenciamento sutil chama nossa atenção e nos convoca necessariamente a intervir sempre nesse veio, uma vez que também podemos correr o risco de produzir trabalhos restritos a autores e teses convencidos nas formas de atestar “modulações” de movimentos sociais e que, paradoxalmente, podem não estar produzindo análises que movimentam vida, histórias, condições de existência.

O que nos parece ser sério – já que demarcamos o campo problemático da pesquisa considerando as produções “respiradas antes” de nós e além de nossas ralas ideias – é justamente nos colocarmos a reforçar um debate classificatório que também se fecharia para as existências, para a invenção de formas-políticas e de sentidos das lutas empenhadas nos referidos projetos sociais. Agora é Vera Telles (1997) que nos relembra um fator relevante para uma aposta no não determinismo da vida. É saindo de palavras que silenciam outras vozes, que podemos pensar as configurações sociais, como desafiadoramente inacabadas, caminho, para nós, de

²⁶ A escola sociológica que tem em Martins (1997, 2008) significativo expoente trabalha na perspectiva da problematização da “exclusão social” como uma condição que se reedita em novas facetas, em uma sociedade onde a desigualdade social institui condições sociais cada vez mais sutis e perversas. As “novas desigualdades sociais” seriam o que materializa uma forma de exclusão que oportunamente demanda tecnologias de inclusão, porém formas de “inclusão degradante”. Nessas condições, vemos a pobreza e a vulnerabilização social correndo o risco de serem cada vez mais mascaradas e invisibilizadas.

um exercício contínuo também de produção de contrauniversais.²⁷ Para a Telles (1997, p.8):

Se é verdade que os direitos supõem uma palavra, o encolhimento da cena política tem o efeito também de tornar invisíveis, não existentes ou não legítimas, as realidades que essa palavra nomeia e as alternativas com que acena. E é sobre esse silenciamento que se ergue a convicção de que estamos diante de processos inexoráveis regidos pelas leis inescapáveis da economia que, tal como a lei da natureza (ou as leis de Deus), se subtraem à ação e à vontade política.

Para nós, os silenciamentos são, de fato, mordazes! Eles não deixam de operar uma estratégia sobre as vidas. Não se silencia sem intencionalidades inúmeras e, por vezes, inalcançáveis. Concomitantemente, as nomeações, as palavras, o uso das cenas com debate público, as narrativas que podemos construir com as experiências locais dos projetos sociais não nos garantem isenção dos mesmos riscos totalizadores, homogeneizadores e, portanto, negligentes de outros possíveis de vida. Em nosso caminho, por exemplo, rumo à construção metodológica da pesquisa, faz-se contínua a tentativa de não anular encontros díspares, paradoxais, não emudecendo, portanto, os tensionamentos presentes nos coletivos humanos, não silenciando os campos de pesquisa que não se sossegam em essencialismos, mesmo que tendamos a fazê-lo.

Pisamos neste mundo com diferentes possibilidades!

Consideramos, assim, o encontro com as *narrativas humanas* uma chance de participar do debate problemático em torno da atuação das ONGs e dos projetos sociais. Damos a esta pesquisa não uma função de invalidar as polêmicas instaladas, mas de localizar nelas, a força de outras vozes e histórias de quem opera com a vida diferentes realidades. Se o Terceiro Setor é isso que tido como cheio de determinismos, as vidas movidas aí, que trabalham, militam, estariam entorpecidas? O que pode invalidar as experiências concretas das pessoas no dia a dia dos

²⁷ Baptista (2009, p. 29) também nos alerta. Ele demonstra cuidado com esta tendência de darmos o tom universal às nossas ideias, historicismos e análises. Em suas palavras, adverte: “Sob o peso de universais perenes, as estrias dos protagonistas de ações capilares, nervuras da memória dos conquistados, tornavam-se lisas, alheias aos embates do mundo, fazendo fracos ou invisíveis os seus atores. Nesse aniquilamento da alteridade, onde o outro é convertido em réplica ou em nada, a memória estará sempre em prontidão militar. Todo cuidado é pouco”.

projetos sociais? Como o bairro de Barra do Riacho pode contar histórias das experimentações e predestinações sociais que não se eximem de se atualizarem ali?

Colocamos algumas questões com um rastro de afetação. Os cidadãos que encontramos na via dos estudos da educadora Ataíde (2002) nos mostraram como ocupavam a vida mesmo não indo às urnas ou, sequer, conhecendo uma unidade de saúde ou uma escola. As narrativas daqueles moradores das ruas de Salvador sacodem muitas teorias científicas que carregamos, descentrando-nos, conforme entendemos, exatamente da função de pensar verdades sobre as pluralidades do viver.

Orçamento participativo como espaço legítimo para a participação cidadã, ser candidato na chapa do sindicato ou na associação de moradores, etc. distavam tanto de algumas vidas, que nos vemos com o impasse: se vidas assim se colocam, como diz a autora, na “[...] busca de um pedaço de terra e um quinhão de respeito e cidadania [...]” (ATAÍDE, 2002, p. 198), como podemos pensar o problema da política e da transformação de realidades sociais indesejadas, sem esquecer que vidas diferentes das nossas se constituem como parâmetro? Como configurar um campo de pesquisa que dê lugar aos processos miúdos que afirmam a dignidade na vida, fugindo das certezas que podemos imprimir ao largo desses processos?

Se nos colocamos tais perguntas, é para tentar movimentar a análise do que operamos em cada etapa da pesquisa, lidando, sobretudo, com os efeitos do que estamos considerando exatamente como potência neste estudo. Suportar o desassossego que movimenta as inquietações com o Terceiro Setor, para nós, é não recuar diante de seus paradoxos, permitindo-nos exatamente lidar com o que desse campo pode irromper e desestabilizar caminhos certos. Desestabilizando a certeza, por exemplo, de que são as ONGs as responsáveis pelo enfraquecimento de políticas universais, desestabilizando a certeza de que há modelo ideal para operar a participação cidadã ou, mesmo, a certeza de que conhecemos, ou teremos como conhecer, a virtualidade de relações movidas pelo que desassossega humanos.

Gohn (2005), numa pausa necessária para esta discussão, ajuda-nos a justificar a pesquisa quando afirma:

Pesquisar sobre o terceiro setor, a mídia, os meios de comunicação, o caráter do novo associativismo dos programas da área da 'nova economia social' etc. tornou-se tão necessário quanto pesquisar sobre as **formas de sobrevivência**, de **lutas** e de **resistência** às mudanças avassaladoras deste final de milênio, porque são todos fenômenos que ocorrem no mesmo campo de disputas e tensões (GOHN, 2005, p.19, grifo nosso).

Pesquisar o que se realiza com as ONGs, suas parcerias e ações por meio dos projetos sociais de um bairro de periferia é, em nosso entendimento, também considerar esta recusa ao “tudo já dominado”. É entender que o *novo* (dos denominados *novos movimentos sociais*) não implica necessariamente um melhor, fruto de uma “evolução progressiva” da organização política dos cidadãos. O novo pode implicar, contudo, diferenciação, rearranjo, certa visibilidade às lutas numa História do presente que salta no texto da História política e social brasileira. “Novos movimentos” podem ser uma chance para rearranjos feitos por corpos-vidas humanas. Por isso nos destinamos aos caminhos e traçados de recomeços de vida que apresentam a possibilidade de virtuais sentidos no viver.

Estamos agora em uma visita.²⁸

Em um *projeto social* na Barra do Riacho que foi fundado no argumento de que as crianças não podem ficar na rua devido às suas impurezas e periculosidade, que se fixou no bairro, porque nele os restos do processo fabril²⁹ aromatizam também os

²⁸ Falamos de um projeto social que existe há anos e que é mantido por uma Fundação vinculada à Igreja Católica (localizada na sede do município). O projeto é coordenado por uma funcionária antiga da Fundação, que não participa do dia a dia das atividades na Barra do Riacho. A participação dos profissionais contratados (“oficineiros”) do projeto é pouco clara. Atividades em torno do brinquedo (“brinquedoteca”), do reforço escolar e do uso do computador (“inclusão digital”) caracterizam a intervenção com crianças do bairro. Eventuais cursos (biscuit, caixas decorativas, etc.) são oferecidos aos familiares, sobretudo às mães, como forma de incentivo na geração de renda. Há uma relação estreita, mas também pouco clara, do projeto socioeducativo com as escolas do bairro. O projeto organiza eventualmente ações culturais. Já recebeu financiamento público mediante ação da própria Fundação, do Conselho Municipal de Direito da Criança e do Adolescente e da PETROBRÁS, por meio de concurso público (DIÁRIO DE CAMPO, 18 de novembro de 2008).

²⁹ Essa é uma imagem forte para nós e, portanto, atravessa a pesquisa em muitos momentos. O bairro localiza-se nos arredores de um complexo industrial que se desenvolveu em torno de uma grande empresa, a antiga Aracruz Celulose S.A.; a partir de 2008, uma empresa do Grupo Votorantin, portanto, com novo nome: FIBRIA. A empresa, produtora de celulose branqueada de eucalipto, tem

restos de emprego, de assistência, moralidade e mobilidade. Sua simples existência constituiu força para suportar um *marketing* social que, não ineditamente, falseia experiências, tecnicismo e oficinas.

No projeto, um encontro!

Para nós, a presença de uma faxineira da educação e do chão social intermediando a experiência de contato com as mãos da criança que, nos encontrando, apenas aspirava o calor que pudera vir de um toque humano. Ali, aspira-se calor e os efeitos que as lembranças provocariam na ocasião de uma posterior escrita. Para a pesquisa, surgem também novos elementos e desafios. Em nossa vida, passa a caber o sonho da servente que trocou o vazamento contínuo do banheiro sujo e precário pelo quintal e a companhia de crianças, onde a alegria era em número máximo.

A única profissional a receber a visita da pesquisadora e a manter as atividades naquele turno do dia, em meio a tantas obscuridades, faz de nosso encontro a oportunidade de relampejar seu sonho de ser educadora numa vida em que imperou a urgência do salário mínimo.

Estilhaça lembranças e também o clamor de visibilidade aos movimentos humanos que são uma tentativa de *se escovar a história das tiranias a contrapelo*, saudando mais uma vez a filosofia da História de Walter Benjamin (2004). Entendemos, portanto, que está em cada vida e em cada história dos que atravessam o transcorrer da dissertação as muitas justificativas para não recuarmos diante da densidade que é tomar a vida em sua polifonia, com visitas-encontros, suportando desestabilizações (inclusive pessoais) num lançar-se ao exercício de sustentação das vozes presentes alí mesmo, entre as barbáries humanas que também marcam o Terceiro Setor.

no município de Aracruz, uma fábrica com três linhas produtivas, o que a torna a maior produtora de celulose do mundo. A imagem que não nos escapa é a das “lagoas de tratamento”, duas imensas reservas de resíduos industriais que compreendem a última etapa do processo produtivo da celulose, antes do escoamento do “resíduo tratado” no mar. Lagoas artificiais que tangenciam o bairro e que o marcam substancialmente com seu odor desagradável e característico.

Presenciamos: a) um projeto social apresentar um Relatório de Ações para as empresas que o financiavam. Em um momento público, como a Festa de Fim de Ano realizada na Associação de Moradores, uma atividade educativa e artística de grande reconhecimento na região, e que era executada por voluntários de uma outra ONG, foi apresentada como ação sustentada por esse projeto, dando, portanto o impacto positivo daquela imagem da ação aos financiadores do Projeto Social; b) a publicação de um documento de Diagnóstico Social, encomendado por uma das empresas que se instalaria no bairro, atendendo às suas prerrogativas de “responsabilidade social”. Nesse documento, vê-se mais uma vez a apropriação particular de uma ação social que era feita por voluntários (em outro contexto institucional) para gerar boa visibilidade; c) vê-se outra empresa sediada no bairro, mas de capital internacional, apresentar seu relatório (em inglês e alemão) contendo fotos de uma ação social realizada com crianças e que tinha grande presença no bairro. Tal ação foi apresentada como fruto de sua “estratégia de responsabilidade social empresarial”, quando se tratava de uma ação pedagógica de umas das escolas públicas de ensino fundamental. Sendo assim, víamos que fotos e frases de impacto, continuavam formatando ações sociais no bairro, dando credibilidade local e internacional a empresas e entidades que necessitam desses efeitos com a circulação do capital. Para trazer outros elementos do cenário: d) até o ano de 2008, dinheiro público, viabilizado pelo Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA) financiava ações sociais, sem transparência no processo seletivo para o recebimento do recurso, assim como sem prestação de contas públicas, mas, de certo, respaldadas pela rede de confiabilidade entre “famílias tradicionais” da região; e e) moradores participantes do projeto que foi visitado por nós, e que também recebia fundos do CMDCA, continuavam desconhecedores dos acordos institucionais que mantinham o projeto, ora com portas abertas, ora não, para as crianças e as atividades socioeducativas. Sem explicações públicas, tampouco sem considerar o morador e suas expectativas pelas atividades a serem desenvolvidas ali um fator suficiente que justificasse a clareza no funcionamento, esse projeto seguia mantendo um funcionamento baseado em *marketing* social, captação de recursos e portas fechadas.

A presença, por assim dizer, da mulher barreense, de certo não elimina os efeitos de políticas compensatórias e das repugnantes maquiagens sociais. Contudo, para uma pesquisa que pretende fazer caber os desassossegos sociais, a moradora ensina que, para aquém e além da pertinência que há nas constatações que invalidam essas ações, cabe também a assertiva que confirma que “do projeto social fez seu sonho, trabalho e alegria”.

Seu ensinamento, obrigatoriamente, desfaz em nós o sentido universal de avaliador de políticas conhecidas como de “interesse público”. Sua presença marca nossa experiência no bairro e ajuda-nos a não recuar com um testemunho que nos impele, inevitavelmente, à experiência imatura do narrar/ da narrativa/ do ousar-se narrador:

‘Auxiliar de serviços gerais no contrato, mas professora de profissão.’Faxina a poeira do chão social. Antes, o desemprego. Trabalha sempre com os entulhos das reformulações da vida. Seu bairro cresceu assustadoramente. ‘Também cresci aqui!’ Hoje, ela trabalha! ‘Aqui no Projeto Social sou um pouco de tudo. Ajudo! É isso, eu ajudo, sou. É também mãe, mulher, lutadora. Não sonha mais em fazer uso de seu curso de magistério na escola. Lá, não te coube. A educação é outra, diferente a cada tempo. Também corre. Também contabiliza os títulos ajudante’. ‘O diploma não vale mais nada. Filhos cresceram. Marido abandonou todo mundo.’ As misérias da vida se supera, mas nem sempre só. Conhecemos a solidariedade. Hoje: ‘É assim. Dou uma força com os meninos do Projeto. Você sabe! A vida não é fácil! Não é fácil conseguir. Antes eu tive... Tive e não tive... Criei três filhos.’ Antes, todos estudaram. Primeiro todos. ‘A gente fica pra depois. Se tem oportunidade, a gente segue. Se não tem, a gente inventa.’(DIÁRIO DE CAMPO, 18 de novembro de 2008).

4. A HISTÓRIA E A VIDA DÃO UM TOM PARA NOSSA CONVERSA: DA METODOLOGIA

Assim como as flores dirigem sua corola para o sol, o passado, graças a um misterioso heliotropismo, tenta dirigir-se para o sol que se levanta no céu da História (WALTER BENJAMIM, 1940).

No transcorrer do texto, reconhecemos que a relação com o tempo, a temporalidade, a duração, a processualidade foi fundamental para a operação desta pesquisa.

Ganhou alguma centralidade considerar diferentes intensidades das forças sociais, não tão somente as institucionalizadas. Tem sido fundamental nos dirigir a uma força que se diferencia de modelos institucionais, formas, estruturas políticas definidas e definitivas, como também podemos entender as organizações e mobilizações sociais. A proposta, contudo, de produzir o encontro com os *projetos sociais* de um bairro se estendeu, necessariamente, à intenção de encontro com quem faz histórias com os projetos, com quem escreve o dia a dia desses espaços construídos vinculados à vida cotidiana, à mercê do fato de tantas instituições e pessoas envolvidas serem estrangeiras³⁰ no bairro.

Percebemos, assim, que o **tempo** não se tornou apenas uma ferramenta para lidarmos com o nosso processo de formação acadêmica e o âmbito da experimentação da própria pesquisa. Tampouco foi o tempo uma linearidade que tornou previsível a análise de falas e resultados para as questões previamente formuladas pelo pesquisador. Diferentemente, o tempo constituiu-se como um agente ativo que tracionou o movimento do nosso pesquisar, que fez descontinuamente sensíveis os acontecimentos no bairro-terreno da pesquisa. O

³⁰ As dimensões tensionadas do *estrangeiro* e do *nativo* marcam substancialmente Barra do Riacho. O orgulho, de certa forma, das raízes indígenas e pesqueiras se faz constante no relato de impacto negativo causado no cotidiano do bairro com a industrialização dos anos de 1970 e 1980; a grande mobilidade portuária nos anos subsequentes e, atualmente, os grandes empreendimentos que não cessam de trazer progresso industrial, tráfico de drogas e subemprego à região. A condição dos passantes da esteira dos “vagabundos” de Bauman (1999), o tempo todo, interroga ao barrense sobre sua condição de mobilidade circunstancial ao consumo de celulares e internet e sobre o uso de um espaço-tempo “limitado” a ser uma mão de obra barata. Limitado ao pouco acesso à capacitação profissional, bem como ao convívio com um Estado que pouco fomenta políticas públicas que ampliem os possíveis de vida. Entre os muitos estrangeiros que se vinculam às ações comunitárias e que ocupam as vagas de trabalho em ONGs, nas empresas locais e nos serviços públicos, também está o barrense questionando as “[...] lentidões e velocidades” possíveis em um território onde impera a estratificação hierarquizada dos espaços e temporalidades (SANTOS, 2008).

tempo tem sido um agente ativo, sobretudo na vida dos moventes que encontramos nesse bairro.

Disse-nos Bergson (2006, p.106): “[...] o tempo é aquilo que impede que tudo seja dado de um só golpe”. Ele seria a hesitação que permite o tateio, a procura, a elaboração. O tempo, portanto, pode fazer agir! Ele participa da criação do viver, o que nos faz pensar também na pertinência de uma política do tempo. Com este tempo, vislumbramos ser “artesãos de nossa vida”, fazendo valer a esperança de que alguma “inteligência possa vir no só depois”, assertiva deleuziana muito lembrada pela professora Elizabeth Barros, e para nós, forma também de ampliar a presença do tempo lógico freudiano,³¹ a ser considerado não como um vazio de plano. Sim, um tempo que é tropeço imaterial no qual cabe o trabalho e o movimento de elaborações de um sujeito, que age na vida e que é passível de ser responsabilizado pela análise de sua ação.

Pousamos, então, aí! Na dimensão de um tempo que é atividade, para, enfim, produzirmos uma relação com o plano da **História**.

Se assim precisamos é porque reconhecemos o valor de uma história que já caminhava conosco na experiência da clínica, nos valores da família, na aposta de certa forma ética de que cada um de nós é parte de uma textualidade da vida que nos vincula sempre a outras pessoas, a outras histórias, a outras temporalidades e planos de existência.

Falamos, neste momento, mais uma vez de uma vinculação que se põe a construir efetivamente “[...] um comum entre as vidas [...]”, como destacou e empreendeu Aragão (2004, p. 78), com a metodologia de pesquisa de sua tese de doutorado. Uma forma de manejar a metodologia que, perceptivelmente, deu preponderância ao laço construído no entre “pesquisador-entrevistado”. Destacamos agora os muitos

³¹ Em **Construções em Análise**, Freud (1937) trabalha sutilmente a dimensão de um tempo imaterial e dinâmico. Ele usa a perspectiva e a relação terapêuticas para considerar a presença completa do material da vida de uma pessoa durante o viver, ainda que de forma desconhecida. Caberia a ação de construção, a intenção de provocar recordações, reinterpretações, novos sentidos diante do vivido. Temos, portanto, um tempo que age sobre o viver, permitindo a vivência de diferentes temporalidades, bem como de novas direções para os sentidos/entendimentos.

arranjos feitos nas experimentações de vida, de sociedade, de solidariedade e, por que não considerar, também na experimentação aqui de uma escrita histórica não individualista e determinista, ainda que possa ser trabalhada a partir das enunciações de uma voz.

Tendemos, assim, a pensar concretamente na necessidade de aposta em arranjos históricos realizados com o trabalho que é efeito do tempo, operado necessariamente com ele e processado longitudinalmente nas vidas humanas.

Falamos também de arranjos históricos plásticos e abstratos!

Maleáveis como o **diagrama** tratado na perspectiva de um Deleuze que trabalhou tirando as poeiras da filosofia bergsoniana; um Deleuze que também leu Michael Foucault com ferramentas virtuais e intensivas e que, com o pensamento foucaultiano, pôde, então, enfatizar:

O diagrama não é mais arquivo, auditivo ou visual, é o mapa, a cartografia, co-extensiva a todo campo social. É uma máquina abstrata. Definindo-se por meio de funções e matérias informes, ele ignora toda a distinção de forma entre um conteúdo e uma expressão, entre uma formação discursiva e uma formação não-discursiva. É uma máquina quase muda e cega, embora seja ela que faça ver e falar (DELEUZE, 2005, p. 44).

Estamos neste momento construindo, por assim dizer, uma *História-trabalho com o tempo*, uma *História-diagrama* – História também plasticidade e movimento – o que percebemos é se desenhar novamente um tensionamento com o estruturalista que há em nosso corpo. Alguém que tende a cair nas armadilhas das representações e do “interpretacionismo”, uma forma de pensamento que tende a buscar regras e funcionamentos previsíveis e decodificadores dos acontecimentos e fatos.

Abrindo, portanto, um caminho que considere na História sua dimensão de trabalho, atividade, atitude, o que localizamos é a pertinência de (mais uma vez) provocarmos tentativas de algumas (des)totalizações, coextensivamente em que produzimos um maior interesse pelas “polifonias” (AMADO et al., 1996), pelos “infames” da História (FOUCAULT, 2006). Interesse – não menos – nos “[...] olhos escancarados, boca

dilacerada, asas abertas [...]”³² de uma **História-anjo** que olha com apressamento para o passado de catástrofes e ruínas, dando costas a um futuro-progresso que, porventura, seja tratado unicamente como tempo vazio e homogêneo (BENJAMIN, 1994).

O entendimento de História que elaboramos, como ferramenta de nosso trabalho na pesquisa, traz as muitas vozes da História construída com as contribuições teóricas e com os trabalhadores da **História Oral**. Traz também algo da força marxista, que não permite o silenciamento de anônimos e vencidos das lutas sociais de hoje e outrora. Como um diagrama – “uma multiplicidade espaço-temporal” – cabe, então, nesta História, a intensidade revolucionária de muitos Freuds, Bergsons, Benjamins, Beths, Joões.

Cabem as vozes múltiplas em suas determinações e formas de situar o transcorrer da vida; de situar as razões de viver, as razões de agir conjuntamente na luta com um cotidiano que tem seu valor também porque fora da erudição dos argumentos; não fora, contudo (acreditamos), de um tempo que é diagramado sempre na potência da **historicidade**.

Encontramos agora um barrensco na escola pública³³ que se tornou chão para muitos movimentos comunitários em Barra do Riacho!

Escola: também elemento fundamental para situar a historicidade das entidades filantrópicas no bairro. Escola-equipe que fez caber, em salas improvisadas, não somente incontáveis “projetos pedagógicos”, mas reuniões, assembleias

³² Menção à “Tese Nove (09)” do **Sobre o conceito de história** (BENJAMIN, 1994, p. 226). Para nós, é importante pensar uma História-anjo que medeia, que se coloca no entre das possibilidades e temporalidades. Uma história que tenta a ousadia do vôo; ao mesmo tempo, um anjo que lida com a presença, os fragmentos, as lembranças, os traços, as ruínas de sua e tantas outras vidas.

³³ Referimo-nos à Escola de Ensino Fundamental Zenília Varzem Ribeiro, instalada precariamente, no início dos anos de 1990, em uma época em que o bairro era extremamente carente de instituições públicas, logo, faminto de políticas públicas. A escola tem uma marca comunitária, constituindo-se como importante referência institucional, pública e articuladora de experiências democráticas. Testemunhamos que o enlaçamento, portanto, escola x bairro, construiu não apenas um ambiente mais condizente com a função educativa, como também uma paisagem comunitária desenhada pela diversidade de atores sociais e articulações políticas. A escola tem sido lócus para assembleias comunitárias; fomento de projetos sociais; instalação de políticas assistenciais; campanhas e ações a favor dos direitos humanos; festas populares; apresentações culturais; orçamento participativo; responsabilidade social; etc.

comunitárias, festas da cultura brasileira e tantas articulações com a dentista do posto de saúde, com faculdades e igrejas que não cessam de se fazerem presentes no bairro. A escola promoveu ainda encontros e arranjos fundamentais com os “analistas de relações com a comunidade”, profissionais que sabem que uma empresa só terá “licença para operar” financiando ações sociais, caso “a comunidade” (encarnada por vezes em instituições como a escola) possa assim autorizar.

Temos um cidadão barrense: na surpresa de ter sido convocado a falar sobre “a origem” dos projetos sociais; no presente de mais uma “visita-sondagem de terreno” para nossas entrevistas; no sem-jeito de palavras que não puderam antes ter sido preparadas, pôde, enfim, esse cidadão não recuar diante da preciosidade que é o **narrar uma história**. No encontro, ele agiu e atualizou a presença de outros agentes sociais que viveram e também atuaram na vida social do bairro; atualizou o arranjo de uma ação social que não fora configurada antes da ação com a própria lembrança narrada e desconhecida. Ação social, que não foi garantida em uma formulação institucional, mas pôde ter existência na atitude política, que o tempo fez visível na sua narrativa. Foi com ele, e sua narrativa, que nos lançamos a considerar outros planos de acesso à pesquisa.

O primeiro projeto social foi o projeto esportivo. [risos] Pensávamos em todos os moradores da Barra. Foi muito bom. Durou uns dez anos, a partir da APG Produções na década de 80 [risos]; a partir da busca de lazer, da força da solidariedade, da sede de dar ao barrense, num fim de semana, o lazer que não tinha. Era futebol, jogos, passeios, intercâmbio. Era outra época. Ajudava mesmo. Somava forças, ajudava o outro aqui e ali, porque a gente queria e porque estávamos com dificuldades. Ajudava com o esporte. Éh! E o esporte ajudava em outras coisas da vida. Era um outro bairro. Era uma outra coisa. Nossa! Que história! Estou falando com você coisas que nunca contei a ninguém. Olha esta foto aqui, até trouxe hoje comigo! (DIÁRIO DE CAMPO, 15 de janeiro de 2009).

Esse barrense não trabalha, milita, gerencia um “projeto social-estabelecimento”, fomentado por ONG, patrocinado pelas empresas da região e representante das ações sociais em face aos anos de 1990 – como em algum momento pensamos se restringir o terreno da pesquisa.

O educador, contudo, emprestou a inicial de seu nome para junto com outros dois adolescentes (àquela época) produzirem algo com o cotidiano, carente do sentido que foi viabilizado com os “projetos fins de semana” da década de 1980.

O tempo que o morador narrou com seu sentido foi o tempo do aliançar pessoas e planos para tornar o fim de semana outra coisa do que a escassez do já naturalizado; tempo-efeito e mistura com o que puderam alterar, porque, nesse intuito, participavam com suas vidas. Nada tecnicamente elaborado. Mas pôde ser feito: com as mãos, com o não recuo diante do que constatavam, foi possível haver junção de vidas em torno de outras solidariedades. Como disse, foram anos juntando gente e articulando movimentos no bairro que (concordamos) era outro.

Surge uma apropriação, uma ocupação e mobilização com a ação da “APG Produções”. Percebemos aí uma dimensão de projeto social que passa a compor com a dissertação. Não é uma dimensão previamente posta, identificada com modelos de participação social e fadada a predestinações. No arranjo de sua narrativa histórica, com a historicidade de sua vida, no embalo sonoro desse tempo que não tem mais saudades do que o entendimento de que a vida é necessariamente mutável, uma origem dos projetos sociais pôde surgir. Os projetos se fizeram em nomeação, com peso de gênese da movimentação social do bairro, com ruínas de uma história que (como ele disse) não pôde ter sido contada antes. Uma história que pôde, contudo, ajudar a fazer constatações, “era outro bairro; outra época; outra coisa”.

O que foi Barra do Riacho, os projetos naquela época, a situação social, os motivos de mobilização entre os moradores, certamente estão no presente de uma narrativa, embora não o sejam mais. Entendemos com isso que as possibilidades de ser de um *projeto social* é o que passa a existir também no momento presente das nome(ações) e da narr(ação).

Passamos a apostar ainda mais na experiência da **narração** de uma história, como dispositivo de encontro com o que os projetos estão, melhor dizendo, podendo ser. Que tipo de veículo os projetos sociais se tornam? Com eles, de fato, as pessoas podem agir e movimentar o reconhecimento das ações sociais que empreendem?

Como esses projetos falam dos pertencimentos, das participações, das formas plurais de exercício da cidadania?

O pertencer e o não pertencer; o quê durável e transitório; os fins e os começos das experiências sociais são, nesse sentido, copartícipes de uma História que é feita com a plasticidade do próprio ato de narrar os **saltos no tempo**. Uma narrativa tecida também com a diagramação de uma historicidade que não se higieniza de dúvidas, ambiguidades, paradoxos. Uma historicidade, por assim dizer, que é necessariamente feita considerando as descontinuidades.³⁴ Mas como legitimar esse tipo de narrativa na pesquisa? Que “espaço-temporal” nos interessa e faz considerarmos uma narrativa, força na movimentação deste trabalho e força no debate sobre os Movimentos Sociais?

Certamente essas questões ajudam a pensar nosso posicionamento no encontro com ações sociais. As questões ajudam a entender que a pesquisa se constitui na linha de interação com as muitas formas de os humanos agirem na vida e que, ao assumirem a oportunidade de narrar, assumem também um importante recurso político diante da realidade que constroem. Podem alterar o que sabem e o que nós imaginamos saber de suas ações. Tomamos, por isso, o ato de narrar como um recurso, porque, com a narrativa, se tece o presente do narrar com as experiências do vivido. Vemos aí um recurso político, porque valorizamos a potência do agir num presente de tantas fragilidades e desafios sociais. Isso, como já mencionamos, se torna crucial – enfatizamos: que nossas pesquisas contribuam para operar diferenciações de sentidos, de entendimentos, de posturas *de* e *na* vida que se percebe viver.

Caminhamos focalizando o nosso recorte na metodologia que construímos para a pesquisa.

³⁴ A perspectiva de *descontinuidade* é fundamental para nossa abordagem da História e nos lança a alguns caminhos. Lembramos Benjamin (1994), quando “os saltos no tempo” em uma narrativa fazem faiscar lembranças que são necessariamente força e luta contra as tiranias. Lembramos Freud (1996), quando nos chama a atenção para o quê de *estranho* (um nome dado ao inconsciente), de desconforto e de surpreendente surge num discurso que se suporia nivelado. Ainda um Foucault (2006) que age com as rupturas, as interrupções, com o não acúmulo, como estratégia analítica para instaurar outras temporalidades na historiografia tradicional.

Quando alguém interage com suas experiências, coloca-se a trabalhar com o tempo, conta uma história oralmente, é a narrativa que nos toca. Nessa narrativa histórica, nossa atenção acaba por se dirigir menos para a memória (em sua possibilidade de restauração, vicissitudes) e mais para a dimensão criativa/inventiva/transformadora³⁵ do próprio ato de narrar. Somos tocados menos pelo trabalho com o eixo esquecimento-lembrança e mais pela força das **histórias-construções narrativas**, reconhecendo, claro, que o ato de contar não invalida o lugar que é sempre cativo das restaurações, as reminiscências e as saudades.

Contudo, ao pensar a criação de uma relação pesquisador x entrevistado que favoreça as construções narrativas, enfatizamos exatamente o que, nesse arranjo de vida, de sociedade, de histórias (arranjos sempre híbridos de antagonismos), dá sinais de inacabamento. Sinais de abertura, de novos possíveis para a vida das pessoas e para esta vida que tendemos a pensar em comum, também com os projetos sociais. Uma vida social (reiteramos) que assim se faz, porque, necessariamente, é considerada como enlaçada, vinculada a outras vidas, outras perspectivas, interesses e projetos políticos.

Com as gentes de nossa vida – neste diagrama de encontros que se torna a experimentação da pesquisa – aprendemos a construir uma metodologia ouvindo as necessidades do agir em condições difíceis. Damos valor, assim, a quem pôde lutar e reconhecer força política na sabedoria do que se transmite ao contar uma história; de quem experimenta uma escrita, revolucionária, porque feita na perspectiva do plural, e fundamentada na “arbitrariedade”³⁶ dos sentidos; aposta na narração e na escrita de uma história não silenciadora de tradições e rastros, mas uma escrita que se obriga atenta às mudanças, em face aos projetos sociais, à vida, ao vivido.

³⁵ Referência à dimensão inventiva trazida pela filosofia bergsoniana, como já tratada no texto (BERGSON, 2005, 2006; DELEUZE, 1999).

³⁶ Lembramos a *alegoria* como recurso de linguagem e narração, tão belamente usada por Baptista (2009) numa herança benjaminiana. Pode a alegoria nos libertar dos sentidos literais, desvincular-nos da pretensão de uma verdade universal. Pode ela nos conectar com a dimensão da temporalidade, da morte e do recomeço, com as dimensões tensionadoras do eterno e do efêmero (GAGNEBIN, 2007). É a alegoria o recurso que tomamos como um dos operadores das narrativas e que também nos permite lançar arbitrariamente (embora não descriteriosamente) à experiência do ato de narrar.

Lembramos mais uma vez o nome de Walter Benjamin, que, ao sustentar o narrar artesanal de histórias, ajudou-nos a ver relevância no **narrar a vida**, sobre as composições possibilitadas nela, o narrar as realidades construídas nesse próprio ato sem igual, que é o narrar para alguém, o narrar para si, o narrar com as asperezas e as alegrias do mundo. Na definição dele:

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 1994, p. 205).

Assim, torna-se o **narrador** um artesão da vida!

Pode o narrador sempre modelar, com as experiências, as histórias, as pessoas, cheiros, direções de seu próprio viver, em diferentes caminhos, trabalhando necessariamente com sua história inteira. Edifica ele com o saber e o não saber. Desmorona o que não mais cabe na vida. Constrói veredas. Tece outra ou a mesma experiência. Lança com as narrativas alguns **apelos** que, em si, sinalizam que “[...] alguém na terra está à nossa espera” e assim, acreditamos, pode o narrador movimentar suas esperanças (BENJAMIN, 1994).

Pode movimentar esperanças, pois passa a existir alguém a considerar os apelos que geram movimentos no chão sociocultural deste país. Deste país de “Um canto de luta pelos ares”, como poetizou a voz de Clara Nunes na música-narrativa que trouxemos no princípio do texto. Reconhecemos, na esteira de Clara com Benjamin (1994), Gagnebin (1993, 2007) e Baptista (1989, 1999, 2009), a consolidação de uma dimensão da História como narração (que é atitude) e narrativa (que é produção), instrumentalizando uma perspectiva de trabalho com a História oral como metodologia de pesquisa; certamente, menos uma disciplina, menos ainda um ofício de historiador.

O que queremos, exatamente, é extrair da textualidade da vida uma não cronologia.

Trabalhamos nossa sensibilidade à intensidade das **histórias de vida**; ao copertencimento do efêmero com o quê de eterno há nas vidas; ao quê dos **sonhos**

e lutas pode surgir como salto, quebrando a linha do tempo e operando cortes no discurso “ronronante e nivelador” de uma História progressista e homogênea, quer seja das vidas humanas, quer seja da analítica dos movimentos sociais, quer seja da própria possibilidade de se fazer História.

Buscamos, assim, a descontinuidade que apostamos poder ser historicizada e a alteridade que encarna as forças do mundo e a beleza dos encontros humanos.

No encontro com a professora Heliana Conde Rodrigues, fortalecemos esse querer na ousadia de cometermos também por assim dizer, certa “[...] imprudência com a História Oral!”³⁷

História oral: fazemos dela, portanto, um método, uma teoria ou uma técnica?

Historiadores se debruçam em tais questões, movimentando o campo historiográfico com a ABHO,³⁸ alimentando o CPDOC³⁹ de outras possibilidades de produção de acervos históricos, promovendo encontros e debates com múltiplas vozes. Amado e Ferreira (1996) reuniram e mostraram o quão plural é o uso da História Oral, e também as variáveis a serem consideradas nas pesquisas em ciências sociais. Nessas, não faltam categorizações e indagações que questionam, se trabalhamos com depoimento, biografia, uma disciplina, relato pessoal, etc.

Em muito neste trabalho nos perdemos exatamente aí: onde se coloca a fragmentação de questões em torno das pesquisas que almejam a precisão e confirmação de fatos históricos. Todavia, foi preciso nos distanciar da possibilidade de representar as falas ouvidas nos relatos orais e da intenção comprobatória de fatos e acontecimentos históricos; da primazia dada ao par História Oral x Memória

³⁷ Referimo-nos às contribuições do curso “Foucault, a História e os Historiadores” (2009), ministrado pela professora no PPPGPSI-UFES, para o Núcleo de Pesquisa em Políticas e Subjetividades (NEPESP) - vinculado ao Departamento de Psicologia dessa Universidade. No segundo capítulo de sua tese de doutorado, a professora Heliana Conde Rodrigues fez uso da expressão destacada no texto, o que, acreditamos, ter nos possibilitado embarcar na aventura que foi a construção de nossa “ferramentaria” metodológica. Em outros termos, nossa “[...] imprudência com a História Oral”.

³⁸ A Associação Brasileira de História Oral foi fundada em 1994 e hoje é de grande importância na organização, intercâmbio e publicação das pesquisas com História oral.

³⁹ O Centro de Pesquisas e Documentação de História Contemporânea do Brasil pertence à Escola de Ciências Sociais e História da Fundação Getúlio Vargas, foi criado em 1973 e guarda hoje o maior acervo de depoimentos pessoais e de documentação oral do país.

(BOSI, 1987) e, mais ainda, da tentativa de operar com o par verdadeiro x falso, caro ao labor do trabalhador da História Oral, como bem demonstraram Montenegro (1994) e Queiroz (1991).

Nesse certo tempo da pesquisa, vimo-nos imobilizada pela questão do que fazíamos com o encontro com o barrense – sujeito potencial para nossas entrevistas. Muitos beneficiários/militantes/trabalhadores de projetos sociais passavam pela pesquisa, enquanto titubeávamos na tentativa de entendimento: operaremos, afinal, com relatos pessoais, biografias ou histórias de vida? O que precisamos definir a propósito de uma tentativa de pesquisa com certo rigor, porém não rígida nessas classificações?

No ínterim dessas e outras questões, foi curiosamente a dimensão técnica/procedimental ressaltada por Queiroz (1991) que nos ajudou a delinear melhor a tônica de nosso posicionamento diante do campo da História Oral e, mais precisamente, diante da escolha de trabalhar histórias de vida como recurso, e não com depoimentos. Segundo essa autora clássica, no campo da História Oral, a diferença se faz exatamente porque “Na história de vida o colóquio é conduzido pelo narrador, que detém a condução do relato, enquanto no depoimento é o pesquisador que abertamente o dirige” (QUEIROZ, 1991, p.8). Para ela, o fato de eleger um tema para o narrador discorrer (como ocorre no recurso do depoimento) restringiria a possibilidade de narrar livremente algo para alguém.

Para nós, o fato de prezar pela vida como um disparador do ato de narrar amplia as possibilidades analíticas com as quais a pesquisa é lançada em cada entrevista realizada. Queremos, portanto, trabalhar com entrevistas que construam histórias de vida, simplesmente por fazer **a vida**⁴⁰ ser o elemento disparador das palavras,

⁴⁰ Nos momentos derradeiros da escrita da dissertação, fomos presenteada pela discussão sobre “biografema”. O conceito é trabalhado pelo grupo de pesquisa coordenado pela professora Tânia Mara Galli Fonseca, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS. O seminário intitulado “Vidas do Fora: habitantes do silêncio” (2010) mostrou como “escrever uma vida” se torna uma perspectiva metodológica e ética complexa, mas também encantadora, uma vez que traz a escrita como possibilidade de relação com os recomeços das vidas. Trata-se, necessariamente, de uma experiência de escrita e uma orientação ética em que se fundamenta a possibilidade de atenção às “vidas fora da linearidade biográfica”; atenção às “vidas empoeiradas e esquecidas”; às “vidas preciosas e múltiplas”.

posturas e atitudes. Definimos, então, que a disponibilidade do ouvir e do narrar são fatos preponderantes no manejo desta metodologia: apostando na entrevista como procedimento, situando a História Oral como terreno metodológico, assumindo, sobretudo, as narrativas de história de vida como dispositivo de encontro com as vidas, com as histórias e seus arranjos singulares, com os projetos sociais de Barra do Riacho.

Assim, situamos a abertura feita por um dos debates trazidos na tese de doutoramento de Heliana Conde Rodrigues (2002). Estivemos em um movimento que confundiu muito da atenção ao tema da pesquisa com a atenção sobre o debate metodológico convocado pelo campo da História Oral. Desse campo, o que queremos ressaltar, todavia e necessariamente, nesta experiência, é a potência de trabalho dentro de uma perspectiva da democratização do discurso; com um prisma que valorize a História em sua condição de “obstáculo”, de “desvio”, “deslocamento” de perspectivas normatizadoras. Para nós, é aí que o efeito do *agora* do ato de narrar ganha força e se articula com o agora de uma história que é necessariamente a do presente das vidas, na qual é possível se situar e transformá-la, caso a própria vida assim se imponha.

Por fim, entendemos que o nosso trabalho com histórias de vida é a possibilidade de vivenciá-la na perspectiva indignada como nos mostra Michel Foucault (2006). Com uma pesquisa que possa respirar a brisa da “ontologia das existências” na esteira de encontros potencializados, sobretudo, por “vidas breves”; vidas “condensadas”, vidas e histórias (na melhor das palavras do autor) que, despreziosamente, podem ser “juntadas em um punhado de palavras”.

Façamos, então, surgir um narrador e ressoar narrativas aí, exatamente quando as palavras clamam! Num lugar onde o que realmente importa são os efeitos dessas vidas tanto “infames” quanto comuns. Vidas, e cada vida dando o contorno para a execução da pesquisa e, necessariamente, para a produção singularizada de sua escrita. Juntos (pesquisador e entrevistado) se importando agora unicamente com a possibilidade de deixar passar “Vidas singulares, tornadas, por não sei quais acasos, estranhos poemas [...]” (FOUCAULT, 2006, p. 204).

4.1 UM PASSO A PASSO METODOLÓGICO: DE NOSSOS PROCEDIMENTOS

Localizaremos, a partir de agora, algumas informações objetivadas na trajetória e operação da pesquisa.

Um entendimento: o *campo* da pesquisa não começaria com a realização das entrevistas. O campo – como nos relacionamos com ele e as questões que o atravessam – seguiria uma espécie de *continuum* com o trabalho da *produção dos dados*. As entrevistas dariam continuidade às análises que já vínhamos fazendo e que, porventura, culminaram com a própria experiência de trabalho⁴¹ que nos conduz ao Mestrado.

Estamos, então, em Barra do Riacho, Aracruz, Espírito Santo. Pousamos nos *projetos sociais*, efeito da movimentação do *terceiro setor* no bairro. O que passa a nos interessar exatamente é o encontro com os moradores que participam de alguma forma desses projetos, e são eles os *sujeitos* da pesquisa. *Diário de campo* e a realização de três *entrevistas* constituem nossos instrumentos na produção dos dados em etapas, a organizar:

- fase de aproximação de instituições e pessoas; imersão e participação em atividades sociocomunitárias, com fortalecimento e construção de vínculos, com o rastreo das questões candentes na atualidade do bairro e com a definição dos entrevistados. O diário de campo formaliza esses dados;
- leitura e assinatura do *Termo de Consentimento Para Participação em Projeto de Pesquisa* pelo entrevistado, quando nos ativemos a explicações sobre a pesquisa (APÊNDICE) e

⁴¹ Em Barra do Riacho, o trabalho inicial foi como psicóloga de uma escola pública, quando atuamos também com participação voluntária em um projeto que utilizava a música e o canto-corale como estratégia socioeducativa (CORAL AMIGOS). Coordenamos voluntariamente um projeto social (PROJETO SOL), efeito da experiência anterior, bem como trabalhamos voluntariamente na ONG REFERÊNCIA, que ajudamos a fundar e que apoiou a experiência em curso. Participamos também de diferentes ações comunitárias que tinham a vertente social como perspectiva, inclusive a participação num Fórum local de discussão sobre ações sociais, que culminou na fundação da primeira ONG nascida no bairro, a saber, A ONG GAIA – Grupo de Apoio à Infância e Adolescência de Barra do Riacho.

- realização de *entrevistas abertas*, com a estratégia da narrativa de “histórias de vida”. Uso de gravador digital para o registro. Frase que dispara a entrevista: **“Podemos, então, conversar sobre a vida? Você pode me contar sua história?”**.

Na etapa do *tratamento dos dados*, optamos por não transcrever as entrevistas com vistas a isolar, fragmentar, categorizar e interpretar discursos. Entendemos que a história de vida é uma narrativa no conjunto que é possibilitada pelo ato criador; no processo construtivo de mistura e enredo da História, portanto como forma de incluí-la no corpo da dissertação. A opção feita foi a de também narrá-la na perspectiva das seguintes diretrizes:

- uma narrativa é uma produção no encontro; na junção pesquisador-entrevistado e no fazer junto o momento, o material, a produção. Portanto, o que apresentaremos será a experimentação de três narrativas construídas para a dissertação e processadas no encontro *pesquisador x narrador contando sua história de vida*;
- as narrativas se constituíram pelas afetações e possíveis ressonâncias. Trata-se, portanto, menos da demonstração de informações e dados objetivos e mais de um plano de experimentações;
- as narrativas, em si, devem compor um debate com o terreno dos *novos movimentos sociais*, os *movimentos sociais modernos*, dando ênfase às **lutas sociais** e aos **sonhos** empreendidos com as vidas narradas.

As vidas são também escritas. As narrativas traçadas pelo pesquisador foram, portanto, lidas para os entrevistados no momento da *autorização* da veiculação do texto na dissertação (APÊNDICE). Para nós, a analítica da pesquisa é o que compõe o processo da construção narrativa, bem como os fragmentos textuais que as seguem.

PAUSA: UM POUCO DE MÚSICA

Três meninas do Brasil, três corações democratas
Tem moderna arquitetura ou simpatia mulata
Como um cinco fosse um trio, como um traço um fino fio
No espaço seresteiro da elétrica cultura
Deus me faça brasileiro, criador e criatura
Um documento da raça pela graça da mistura
Do meu corpo em movimento, as três graças do Brasil
Têm a cor da formosura
Se a beleza não carece de ambição e escravatura
E a alegria permanece e a mocidade me procura
Liberdade é quando eu rio na vontade do assobio
Faço arte com pandeiro, matemática e loucura

Serenatas do Brasil, eu serei três serenatas
Uma é o coração febril, a outra é o coração de lata
A terceira é quando eu crio na canção um desafio
Entre o abraço do parceiro e um pedaço de amargura
Se eu ganhasse o mundo inteiro, de Amélia a Doralice
De Emília a Carolina, e os mistérios de Clarice
Se teu nome principia, Marina no amor Maria
Só faria melodias com a beleza das meninas

Quando o povo brasileiro viu Irene dar risada
Clementina no terreiro restaurando a batucada
Muito além de um quarto escuro, nos olhos da namorada
Eu sonhava com o futuro das meninas do Brasil

(MORAIS MOREIRA, 'Três meninas do Brasil')

5. “TRÊS CORAÇÕES DEMOCRATAS”

(1)⁴²

O mar, com sua beleza, força, imprevisibilidade, promove o encontro com o surfista que “dropa” ondas com prancha e perseverança. Um domingo de Sol, um pequeno barco, quando braços negros, magros (e firmes) do adolescente remam com o peso da sabedoria de ser filho de pescador; de quem é neto e bisneto dos que já sobreviveram do mar. Na viagem, outros corpos se distribuem com astúcia no pequeno meio de transporte que é conquista do projeto social. O equilíbrio é o filho do cuidado na travessia da Boca da Barra,⁴³ um posicionar que os impulse agilmente para o outro lado da margem. Avistamos a praia! Tudo que ela inspira, convida, faz conviver. A linda paisagem é colorida com a disposição da alma de menino, restingas, navios, a curiosidade das flores, algum lixo. Na areia, crianças e adolescentes se exercitam para a prática do *surf*. Titubeiam nas orientações do instrutor coordenador da experiência de seis anos completados entre a praia, o laboratório de informática, as pranchas compradas com recursos esporádicos, visitas às escolas e notas de alunos. Anos do Projeto sustentado na associação com o bairro, a Prefeitura, a Secretaria de Desenvolvimento Social. Arranjos com a

⁴² Participamos das atividades de um projeto social que é mantido voluntariamente. Trata-se de um projeto informal, para crianças e adolescentes, que faz do esporte um intercessor para abordar aspectos relativos à educação, saúde e meio ambiente. O projeto mantém-se articulado às iniciativas da comunidade, à Associação de Moradores, Unidade de Saúde e escolas do bairro. Com a contratação temporária do instrutor de *surf*, feita pela Prefeitura, as atividades em execução no projeto foram incorporadas como atividades socioeducativas de outro Projeto da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, o que gerou filiais posteriormente. Nessa etapa, conta-se com a atuação de pedagogos e assistentes sociais, bem como com alguma institucionalização/formalização. Findada a contratação, o projeto que visitamos continua mantido voluntariamente. Há participação de empresas de diferentes portes, com apoios pontuais no patrocínio de campeonatos esportivos, campanhas de preservação do meio ambiente, confecção de pranchas e doação de computadores. O voluntário mantenedor do projeto, no ano de 2007, participou do movimento sociocomunitário que funda o Grupo de Apoio à Infância e Adolescência de Barra do Riacho (GAIA). No primeiro semestre de 2010, o entrevistado participa de cursos fomentados pelo Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente, capacitando para o trabalho no Terceiro Setor, com foco na legislação de ONGs e na captação de recursos para projetos sociais.

⁴³ A Boca da Barra, canal que conecta o Rio Riacho com o mar, vem sofrendo assoreamento, o que compromete gravemente o trânsito dos barcos e a pescaria artesanal forte no bairro. Esse problema mobiliza a Prefeitura, empresas portuárias, a FIBRIA e a Cooperativa de Pesca, em negociações e embates políticos que se estendem por anos. Os moradores fazem dessa discussão uma estratégia de responsabilização das empresas que criam impacto direto nos movimentos marítimos, o que gera o assoreamento. A Associação de Moradores da Barra do Riacho (ACBR) faz disso uma luta social constante, o que já mobilizou reuniões, embargos políticos, boicotes administrativos, etc.

comunidade trouxeram uma ou outra empresa, nesta e naquela ação pontual. Em um determinado tempo, trouxe raros colaboradores. A esperança foi superar o preconceito comunitário e a ojeriza de religiosos que descartavam crianças surfistas juntamente com maconha, *hip hop* e *funk*. A visibilidade, então, ganha o mar! Distraí-se de mesquinhas humanas, contratos usurpadores e ambíguos, dos oportunismos da administração pública e de um *marketing* empresarial sofisticado. Os benefícios de um CNPJ continuam turvos! As parcerias não mobilizam suficientemente rumo à burocratização das instituições sociais. Os computadores ganhos são subutilizados. Pranchas valem menos que dez reais no aluguel aos trabalhadores do bairro em horas vagas ou de greve na grande obra. Na areia, os meninos não param. Falam do corpo, do corpo que é o bairro, da praia que também pertence à periferia e que por isso mesmo é esvaziada. Não há beleza nesse canto nativo de Aracruz que atraia “os nobres” frequentadores. Nas conversas que preparam para o mar, recusam-se a falar do feio, do inadequado, do indesejado. Os surfistas não querem a “indisciplina e falta” na escola onde o professor insiste. Descontinuamente, o quê inóspito no bairro é exatamente questionado pelo interesse sagaz dos adolescentes que admiram a praia e que sussurram prazeres na escola tida como “pouco interessante”. Meninos ocupam o mar! A escola ocupa suas vidas. Todos andam pelo bairro e conhecem a mãe prostituta do filho surfista da garçonete do prostíbulo. Falantes, eles silenciam compenetrados no *surf* ou no campeonato por vir. Três deles silenciam, como respeito ao desconforto do filho da prostituta que é “conhecida por todos”. Há ansiedade na onda! Ansiedade na história que não pode ser falada abertamente pelo pequeno ao proteger sua mãe. Piadas, porque, naquele dia, ele foi à praia usando tênis. O calçado presente é a ausência de tempo da mãe que cuida, mesmo não podendo comprar chinelos. A onda da ansiedade passa! Passa pelo professor que anseia segurança nas palavras-guia dos “surfistas-cidadãos do mundo”. O sonho é ser campeão nas ondas! Entre piadas que combinam com o silêncio e provocações que desestabilizam verdades, a esperança é na onda boa, que, enfim, sejam desafiados. Que o medo não os impeça a ousadia de dominar uma prancha. Que a alegria transite entre a molecagem e as ondas que os desafiam. A curiosidade chega à praia pelos olhares! A nossa presença de pesquisadora-psicóloga-surfista provoca interações. Indiferença não compõe. O silêncio se aproxima no corpo de um; outro conta de si; perguntas não cessam de

entrar na cena composta pela areia e cabanas improvisadas para deter o Sol das peles mestiças. De repente, experimentávamos uma rara fruta de cacto com um vermelho intenso, portado pelas mãos daquele que “não se dá bem com ninguém”, na rua, na casa, menos ainda na escola. Naquela praia, as ondas intervalam com o caminhar pela restinga preservada e um presente para a visitante com medo de cair no mar. Há sabor de novidade! Não há isolamento dos corpos-estrangeiros. Curiosidades contaminam! Estrangeiro se mistura com nativo, para além dos esforços de demarcação identitária. O passante Carioca⁴⁴ da obra atual no Porto mora. A pesquisadora surfa. Surfistas de outras bandas vivem. De passagem, ficam; com a juventude e a dedicação aos meninos e meninas que ocupam o tempo também com o tráfico de drogas, o trabalho fortuito, a negligência que de certo é muito além da familiar. Encontramos um surfista amador! É quem ama o mar e o projeto sem formalidades, suportando “parceiros” que o “regulariza” com o interesse de seus contratos. Passam anos entre aulas de *surf*, formação de atletas, campeonatos! Um salva-vidas é um “amigo-colaborador” que eventualmente aborda o cuidado com um corpo a ser saudável e com uma prancha que custa as cifras que não se tem; assim cuidam de si; cuidam da praia de impacto direto entre a expansão do Porto e a produção do gás nacional. Empreendimentos chegam! Nas condicionantes⁴⁵ de sua passagem, está o uso de equipamentos, experiências, mobilização social. Pessoas vão! Outras restam entre os que estão com o surfista na

⁴⁴ Referimo-nos à empresa Carioca Christiani-Nielsen Engenharia, subcontratada da empresa Petrobrás para a construção do píer do Terminal Aquaviário de Barra do Riacho (TABR). Erguido para permitir o escoamento marítimo do gás liquefeito de petróleo e da gasolina natural produzida no município vizinho de Linhares. Esse terminal faz parte do Plano de Antecipação de Produção de Gás do Governo Federal, o que pretende garantir autossuficiência energética para o Brasil. O empreendimento tem grande relevância na movimentação econômica do município. O barrense incorpora a movimentação no cotidiano, mobilizando-se em torno das oportunidades de emprego e usando estrategicamente a bandeira da “responsabilidade social” portada pelas empresas, que é comumente tomada como uma via de negociação (em reuniões, nos diagnósticos sociais, em assembleias comunitárias, etc.) de benefícios para a comunidade, a saber, na busca de cursos de qualificação profissional, patrocínios para eventos comunitários, apoios para projetos escolares e manutenção de equipamentos comunitários (DIÁRIO DE CAMPO, 24 de março de 2010).

⁴⁵ Pulverizam-se (no bairro) diagnósticos de impacto socioambientais que justificam os sucessivos empreendimentos. Os diagnósticos subsidiam também a regulação do Poder Público, mediante a aplicação das legislações vigentes. Nesse momento das negociações, e durante Audiências Públicas, empresas, Estado e “comunidade” definem as condições para minimizar os impactos sociocomunitários. O que se torna conhecido como “condicionantes” de cada empresa concentra grande debate comunitário e constates embates políticos, seguidos de reivindicações que podem culminar em greves e paralisações, que têm na Associação de Moradores de Barra do Riacho (ACBR) uma forte aliada.

busca de forças comunitárias para dizer da fragilidade da participação empresarial efêmera. “Precisamos mais!” O bairro se vê nos restos do processo do grande capital, mas convida! O cidadão do mar faz convites e convites. Faz ligações! Vidas comuns são tecidas no ensino da feitura de tarrafas e redes de pesca, na experiência que cultiva a tradição do bairro; junto à conquista dos pescadores com a “tábua de maré”⁴⁶ que ele fez vir da internet. Assim o mar também se altera! As ondas levam o surfista, que volta depois do trabalho na fôrma da atual grande obra no Porto.⁴⁷ Estamos em dias menos ensolarados. O mar está para muitas ondas e pouca esperança. O projeto social “feito para os moradores” arrasta o rapaz idealizado no instrutor-gestor-aprendiz-beneficiário. Agora, nada na imprevisibilidade dos contratos. A prancha dá alguma segurança e o surfista-trabalhador segue na navegabilidade de poucas palavras: “Surfar é uma boa coisa, os meninos estão aqui”.

[...]

Já não é dia, nem temos Sol. A tez corada do surfista, que também é pai-comerciante, inquieta a estranha entrevista. Poucas palavras, já pensadas, conformadas com encontros de antes... “Sabe?! A minha vida, a vida, não foi muito difícil...”. Estamos no principiar da linearidade do seu pensamento... Na perspectiva de uma história comum, encontramos o comum e o incomum da vida: sonoridade de buzinas, ônibus com operários, meninos passando em momentos pós-escola, negociações comerciais cultivando clientes com bom prazo e pouco lucro. O feijão da casa ao fundo cheira a pressão da panela e a presença do paio. Agora, lembranças de uma vida simples fazem possíveis encontros com moradores do bairro e entrevistados. A “loja de surf” aberta naquela noite é um orgulho para quem encontramos; ondas e pranchas de artistas locais ornamentam paredes e tecem as homenagens. As fortes marcas globalizam a moda nos bonés do comprador,

⁴⁶ Tipo de informação que sofisticava as atividades e rotinas dos pescadores, pois possibilita melhor planejamento da pesca e, portanto, maior expectativa em relação à pescaria.

⁴⁷ É comum entre os moradores a tentativa de aproveitamento das vagas de trabalho nas obras temporárias, quer nas indústrias vizinhas com grande fluxo de vagas nas empreiteiras, quer nos atuais empreendimentos do Porto. As obras complementam renda, assim como instigam o início profissional dos jovens e desempregados. Nosso entrevistado participou de uma etapa da obra de construção do píer, infraestrutura para o Terminal Aquaviário de Barra do Riacho.

enquanto transadas bermudas atraem os trabalhadores passantes que as esperam com o ordenado. Um moletom é, enfim, a tranquilidade do adolescente por dias menos frios na escola com umidade. Do filho esportista, pouco admirador do futebol, paixão do pai, nasce o amante do *surf*, com cheiro de mar, feijão e adolescência. Marcas da casa litorânea onde passava férias com a avó-carinho e um sonho de tecer a vida com as aventuras da juventude. “Família de classe média”, pouco numerosa, pai empresário, lembranças privilegiadas de “[...] poder estudar em escola particular na Capital”. Estudou o curso técnico mediante a ideia príncipe de administrar negócios da família. A calma desse mar é o que conduzia o filho primogênito à origem familiar que fundamenta sua história. A loja de *surf* de hoje lastreia os planos e bifurca em outras intencionalidades... Para ele, não gostar de futebol é gostar da vida imprevisível onde se aventura. Barra do Riacho é, então, escolhida num tempo novo, de pouca comida e improvisos no morar. Tempo de trabalhos temporários nas empreiteiras, da pouca idade... Tempo de experiências novas. Ondas inquietam o mar que então se aventurava com viagens, falidos negócios, canteiros de obras, festas com bebida farta, mas quase impronunciável. Agora uma preocupação com os meninos que o tiraram da solidão de seus sonhos. O silêncio dado à cevada tem hoje também a face da vergonha. Os nós traçados pela timidez moralizada desfazem a lembrança da família de poucas palavras e raro carinho: “Meu pai fez uma coisa estranha. Ele é estranho. Me emancipou aos 15 anos, com conta bancária e uma loja para cuidar sozinho”. Nisso se intimida! Ele estranha o que lhe faz entranhar por outras estradas e caminhos. Vem uma calma na nova família: o nascimento da filha, uma “esposa-parceira-maravilhosa”. O *surf* deixa de ser um caminho solitário e a vida se multiplica no entrelaçar de gentes, no dengo à filha, na presença de meninos e meninas comungando o cultivo da loja que é do *surf*. Deles! Um alento para tempos ruins e a certeza de que surfar na região de pico é o que faz a ousadia dominar o corpo. O risco da queda atrai surfistas à espreita. Importa o modelo de “escolhinha de surf” da cidade vizinha de Linhares para então fazer nascer a experiência do bairro. O mar de Barra do Riacho é o anfitrião do esporte. As pranchas que hoje quebram já foram escassas. Os meninos que surfam desviam-se das drogas sempre fartas e imperativas no mar de

incredibilidades. Persistem! É o instrutor que inventa um proceder diante de notas baixas, famílias, demandas de pai, irmão, informações e conselhos. Os “drops”⁴⁸ em ares desconhecidos ensinam que, não havendo *surf*, não há gosto no bairro e na escola. Agora a responsabilidade o toma junto com a adrenalina. O compromisso com o cuidado titubeia psicologismos, pedagogias e ensina com a pluralidade de destinos surfistas. Entre as ousadas, também se fez avicultor! Empreendeu! Levou sua produção de ovos de codorna aos ares pouco nobres, mas aprazíveis dos botecos barrenses. Produziu. Trabalhou com paciência e rupturas. A mudança para Barra do Riacho deixa, então, certezas: a segurança da família, ousadia de erros e acertos próprios. Agora há firmeza na prancha e uma infância liberta no contar da sua história, e já podemos sentir a adrenalina percorrendo temporalidades e quedas! O silêncio e a história linear do profissional responsável começam a talhar lembranças e moradias inadequadas, alimentação pouca, muito suor na riqueza do trabalho em muitas direções. A solidão que lhe pesou teceu etapas e desconhecidos caminhos. Agora são lembranças que constroem histórias e o orgulho de saber de si. O tempo de acesso à comida já não é sinônimo de vida farta. O apetite é de mais... Experimenta! Destina-se. Cria raízes em Barra do Riacho, no seu trabalho, com o cuidado, na luta pela “confiabilidade da comunidade”. O esporte passa a ser o nome que escolhe para a dignidade na vida. Cidadania é a responsabilidade que vê na formação que aprende passando por si. Sentimos novos ares ventilando a noite fresca... “Não foi fácil. A vida não foi fácil. Nossa... para manter as coisas, a gente rala muito”. A brisa do pensamento desconhecido pare então um lutador com cama confortável e trajetória de respeito comunitário. Aulas e ondas se intensificam e asseguram a rotina pós-escola, mas não amenizam as dúvidas nos sentidos do viver. Famílias passam por ali. Ele agora se sabe acompanhado. O centro do bairro ferve de expectativas, possíveis parceiros, movimentos de operários pós o expediente. Ferve de admiradores dos pertencimentos vendidos na loja; crianças no aguardo da manhã de sábado com as pranchas que conduzem ao mar. A moda molda sociabilidades extraterritoriais. Seus vizinhos buscam algum saber na loja-casa-projeto social e ele se coloca a instruir. Pelo *surf*, passa, então, um educador:

⁴⁸ Nome de uma manobra na prática do surf.

“Não sou formado, não estou na escola, mas sou um professor. Talvez um professor da vida... eles me chamam assim: ‘Professor, professor!...’. E eu?... Eu estranho, mas é isso... sou um professor da vida, não é?!...” É! Caminhamos juntos. Juntos, nos surpreendemos com os olhos que se curvam. O desvio provocado pelas palavras faz marejar lembranças do projeto social que é um sonho. Uma dedicação! O mar de Barra do Riacho lhe trouxe um esporte, um caminho, estilo de vida nas simples manobras do viver. Trouxe equilíbrio na prancha e na família pouco numerosa. O *surf* fez o lugar onde se aninhou com “zonas de pico”⁴⁹ onde são certas as possíveis quedas. Pura ousadia! Muita inspiração. O *surf* ajudou a ser “cidadão de bem”, como no negócio regularizado de armas do pai, no empreendimento trabalhoso com as codornas, no comércio honesto que empreendeu, no operariado desgastante. A honra de hoje é trazer a novidade na forma de esporte para um bairro. Trazer uma alegria! Tecer a vida com os moradores é o que inspira e o alegra na arte de vender, na solidariedade incomum do cálculo do lucro e do não ganho. Na ocupação do seu tempo, o que surge como preocupação é também fazer-se exemplo. “Meus erros... já que a gente erra, pode servir de exemplo para outras vidas, para outros jovens, para eles...”. Assim, eles vivem, vivem a aposta de experiências compartilhadas. “Não ganho dinheiro, mas isso me paga de alguma forma. Me sinto bem. Eles me mostram que isso é importante...”. A mãe do menino campeão estadual é quem hoje confirma o ganho além campeonato.⁵⁰ O ganho da vida passa a ser outro: tem gosto de reconhecimento e parceria, difere de privações, está no compartilhamento da alegria e no orgulho que aparece como sentimento! Provoca desorientações. Também desvios. O misto de sentimentos abre a vida para a imensidão dos mares, mostra pertencimentos, confunde as finalidades do narrar, indaga o desconhecido! Ao se saber orgulhoso do que construiu com o projeto do *surf*, passa a exigir novas respostas para a vida que ainda não há... Rasga caminhos e participa do destino das experiências sociais no bairro a partir do que não mais se sabe. Agora, os

⁴⁹ Local onde se concentram os surfistas para o *surf*, onde as melhores ondas se formam para o esporte.

⁵⁰ No projeto, a dimensão de “escolhinha de *surf*” tem grande força. Ganha centralidade o universo dos surfistas e a profissionalização do *surf*, com as experiências com roupas próprias, a qualidade das pranchas, a participação em Circuitos/Campeonatos e a formação de atletas e de possíveis campeões. As atividades e trajetória dos atletas podem ser acompanhadas em um *blog* na internet.

sentimentos convocam necessariamente outro começo no saber que decanta da história... Isso!... “É isso?... É isso mesmo? É o que queria saber? Eu já não sei. Quando a gente começa a falar, a gente se perde. A gente se perde nesta história toda. Tem tanta coisa... Já não sei”.

(2)

Estamos num entrelugares de muitas passagens e pulverizadas forças. Um bairro lateral no município de Aracruz,⁵¹ ares de periferia, calma de vila de pescador. No centro, uma praça com a Imaculada Conceição na igreja sabida como não matriz. No horizonte, inspira um mar acinzentado que também é forte e encantador. Mar de pescados e ricos pescadores.⁵² Mar de muitos destinos e o importante porto⁵³ definindo as agitações industriais que apetece no apetite de prostituição dos famosos ancoradouros, na sede de entorpecentes que frequentam esquinas pouco camufladas. No bairro que cresce, saborosas moquecas temperam os bons negócios, oportunidades de subsistência acordam os dias e fazem a noite subsistir no ritmo frenético dos navios. O morador é aquele que se alimenta de expectativas com o porto e a expansão, aquele que já se nutriu do sonho de ocupar lugar na

⁵¹ Aracruz situa-se a noroeste do Espírito Santo, representa 3,15% do território estadual e tem em torno de 79.000 habitantes. Sua história é marcada pela presença indígena e a imigração italiana, africana e portuguesa. As décadas de 1970 e 1980 indicam um desvio na base predominantemente agrícola do município, dando contornos a uma fase desenvolvimentista em que a industrialização ganha centralidade. A proximidade com grandes centros econômicos e as margens rodoviárias, ferroviárias e aquaviárias que passam pelo município garantem a movimentação econômica em torno do setor metal-mecânico, da celulose, da indústria química e, mais recentemente, do beneficiamento do petróleo e da logística, inclusive com ênfase em investimentos portuários. O maior polo industrial de Aracruz concentra-se exatamente em Barra do Riacho (In: www.pma.es.gov.br).

⁵² Barra do Riacho integra a Z-7, maior Colônia de Pesca do litoral capixaba. A colônia tem forte referência comunitária e grande presença nas negociações com o Poder Público e a iniciativa privada. Os embates ficam em torno do comprometimento direto da fauna e flora da região, em detrimento dos processos industriais. Recentemente, a associação dos pescadores ganhou um estaleiro de uma parceria da FIBRIA com a Prefeitura. O estaleiro, usado para reforma e manutenção dos barcos, terá também recursos para resolver problemas pontuais, vividos pelas embarcações e pescadores em relação à perda de navegabilidade no entorno do bairro.

⁵³ Falamos do PORTOCEL, maior porto privativo, responsável por todo o escoamento da celulose brasileira. O porto concentra diferentes investimentos/empreendimentos que caracterizam a sua expansão e que tem agitado politicamente o município. Concentra nele a construção de novos terminais para ampliar o escoamento de produtos, conforme perspectiva do Governo do Estado; há uma construção da Petrobrás vinculada ao beneficiamento do gás natural, assim como a proximidade com a construção de estaleiros para a confecção de grandes navios, o que tem provocado ação do Ministério Público. A movimentação demonstra por que o Porto teve tanta visibilidade na pesquisa.

Grande Empresa,⁵⁴ aquele que é cativo das empresas terceirizadas que se proliferam. O barrense é o cidadão com sede de embates políticos com o porto e a expansão. Morador que se movimenta. Trabalhador que para, faz greve. Gente simples que move lutas costumeiras, que ocupa as ruas e esquinas, que faz do meio-fio o limiar de encontros desalinhados entre posturas e tendências políticas. O barrense é aquele que trabalha na greve que paralisa movimentando, que enfrenta o chão da fábrica, confrontando com o muito mais que há nas montagens laterais, arriscando no porto que contorna o que antes foram as demarcações dos efluentes daquele processo industrial dos fardos de papel. Hoje, como dantes, o bairro se aromatiza das purezas impuras e de uma sujeira que enobrece, do enxofre que é a face limpa da produção da celulose, do trabalho e da prostituição infantis que têm o gosto podre do descaso. É o lugar da higiene das cifras. Porto de odor desagradável do pescado que assassina a fome. Lugar em que sobram pescadores para os peixes que se tornam rarefeitos pelos impactos industriais. Estamos em território aracruzenso, num canto adornado pelas sobras do trabalho farto, onde o muito para o passante vestido de qualificado, é promessa de novo para o corpo do novo barrense. É certeza de flutuações nas moradias e mares. Certeza de novidades e escansões temporais. Barra do Riacho é o lugar de suporte às Paradas;⁵⁵ movimento do labor metal-mecânico e das aceleradas construções civis com ar de progresso. Movimento de mão de obra farta e barata; de um pescado que pouco fica

⁵⁴ Falamos da atual FIBRIA Celulose S.A., pertencente totalmente ao Grupo Votorantin e tida como a maior empresa no ramo da celulose branqueada de eucalipto do mundo. O grupo efetivou a compra dos 2/3 da empresa Aracruz Celulose S.A., que eram pertencentes a outros grupos empresariais brasileiros, após 30 anos, como resguardava o documento de fundação da Aracruz Celulose. Essa empresa é de grande impacto na região, já que congrega um polo industrial complexo e necessário ao sistema produtivo da celulose. A área de Responsabilidade Social Empresarial (RSE) da Aracruz era considerada primitiva, focada em ações pontuais e marcada por graves problemas de relacionamento com a comunidade do entorno. Essa situação vem sendo trabalhada com a Associação de Moradores e com outras instituições do bairro, com o objetivo de promover uma “política de relacionamento” que crie melhores condições para a atuação da empresa no território. Com o novo modelo adotado pela FIBRIA, o setor de RS fortalece a perspectiva do relacionamento estreito, envolvendo moradores na construção dos investimentos sociais. Estes escolhem ações sociocomunitárias em andamento na Barra do Riacho, como oportunidade de fomento de parcerias sustentáveis.

⁵⁵ “Parada” produtiva é o momento-chave nas fábricas. Caracteriza-se como uma pausa programada para a manutenção dos equipamentos envolvidos no processo de produção. Esse momento é anualmente programado por especialistas, o que gera a movimentação de muitas empresas e de trabalhadores em prestação de serviço temporário (mobilizados pelas Empresas Terceiras). Caracteriza-se por um período de muita pressão sobre os envolvidos, já que, parada uma fábrica, compromete-se seus índices e necessidades contínuas de produção e lucro.

na terra e a convicção de um dia que já nasce com sabor de despedida. Estamos no lugar calmo onde o tempo corre com trabalho e trabalhadores que fluem. Em “parada”, a Barra necessariamente se movimenta e entre a indignação com tudo que passa e um pedido que chega a ter grito de tradição e saudade, pedido de Estado combatendo a devastação do craque que também assola o bairro,⁵⁶ pedido de saúde não cúmplice do recente surto de dengue⁵⁷ que desola as almas. Barra do Riacho dá ainda lugar de destaque ao carnaval que é vestimenta artística da Casa da Cultura Municipal; insistente em fazer o Estado ter uma presença que oscila como política no bairro... Barra do Riacho não para... Não “parada”, população nativa faz perenes a dança negra, suas reivindicações e sonhos. É uma gente que se mostra na sede de novas oportunidades e horizontes. Com apetite de baiacu⁵⁸ na companhia das ruas que não se furtam de mover flutuações no viver ali.

[...] ⁵⁹

Estamos nas entranhas do bairro, em dias e noites, juntas no tempo que tem nome de anos. Estamos juntas na tarde que tem papo de vizinho alimentando a tranquilidade acompanhado de café, na tarde que aninha sonhadores com crença no

⁵⁶ Experimentamos, juntamente com os moradores, uma variação na rotina comunitária, bem como o ineditismo da experiência com a presença ofensiva da Política de Segurança Pública. Na ocasião, fizemos o seguinte registro: “Barra do Riacho está em tamanha e desconhecida confusão. O comércio fechou suas portas. As escolas fecharam seus portões. As ruas se movimentam estranhamente com o pavor e o susto. O jovem filho da servente da escola morre com o tiro no peito. O bairro se surpreende com a chegada do Batalhão Especial da Polícia. Há trocas de tiros. Traficantes da Serra chegam para ocupar espaço da boca de fumo. Fui procurada pelo desespero da adolescente vinculada ao projeto social que fizemos história. A tentativa é de fuga. A tentativa é de preservar a vida. Fizemos o possível, sem saber se era certo. O certo é preservar uma vida humana” (DIÁRIO DE CAMPO: 13 de dezembro de 2008).

⁵⁷ No primeiro semestre de 2010, o bairro viveu um surto de dengue seguido de mortes. A Unidade de Saúde ficou sem médico durante o período. O bairro distancia-se 20km da Sede do município, onde concentra os melhores recursos de Saúde Pública.

⁵⁸ Peixe muito comum nas águas capixabas, de sabor muito apazível, desde que se saiba a técnica da limpeza, caso contrário tem um amargor forte e característico.

⁵⁹ A entrevistada já participou de inúmeros cursos, oficinas, aulas, palestras nos projetos sociais do bairro. Atua no cotidiano destes projetos também acompanhando as atividades de outra natureza e/ou se oferecendo como colaboradora. Em oficinas de artesanato, aprendeu a ser artesã, o que produziu a associação com outras artesãs do bairro, bem como complementou seu trabalho com a “telemensagem”. Este último é um serviço que usa o telefone para transmitir mensagens de amor, homenagem, comemoração de datas festivas, amizade, etc., a partir da solicitação de quem a encomenda. Juntamente com as mensagens, os clientes podem presentear com objetos confeccionados por ela (buquês, chocolates, etc.) e/ou comprados (ursos de pelúcia, bonecas, etc.). A entrevistada representa o grupo de artesanato de Barra do Riacho na ONG GAIA (Grupo de Apoio à Infância e à Adolescência de Barra do Riacho).

agrupar das almas. Um grupo nasce com sonho na infância em outra face! Infância não roubada, nem abusada, crença no possível que vem de estradas, trilhas e becos. Estamos no grupo que sonha com a alegria e com um trabalho trilhando a arte dos sonetos. Artesã das letras, ela é quem ousa nos dias que surgem com telefonemas e palavras melódicas, nas ruas onde anda, na bicicleta que porta a beleza das roupas vendidas aos vizinhos no corpo de seus clientes. Com trabalho, faz a poética penetrar no cotidiano, acalma a família que a chama no amparo, faz a solidariedade presente em mensagens métricas. Assim compõe! Grupos são portos de aprendizado, ancoragem para a novidade onde se arrisca enquanto outros titubeiam no retroceder do caminho. No caminho, onde associados dispersam, ela acalma na certeza de que o tempo não para em Barra do Riacho. Crianças e violências tornam-se quase sinônimas no bairro, alarmam na história dos adolescentes que assassinaram a vida do taxista, alarmam na preocupação que todos gritam sufocados pelos limites de cada força. Há paciência na cena, astúcia de quem acredita que, no trato das artes, “uma ajuda a outra e a vida fica mais fácil”. Pelas ruas, ela trilha os muitos caminhos! Entre reuniões e desuniões, insiste com a mansidão que se desdobra na cor da coragem revelada durante a entrevista. É o ouvido do vizinho. É a parceira das associações sem título, um braço que socorre passantes em estado de risco na rua que agita sem amparar. Entre o “apoio à criança” e o “artesanato” que manuseia com as outras almas,⁶⁰ molda a esperança de que as oportunidades cheguem ao bairro. Faz dos braços a busca do SEBRAE⁶¹ na intenção de apoio. Ela empresta o silêncio para os sabidos falantes durante cursos e discursos. A face é da moradora que apoia as eleições comunitárias com discrição e posicionamento claro, com a perspicácia de quem tece sabedoria com as complexidades comunitárias. Corpo de quem teima pelas conquistas do chão que sente seu! Que questiona os direitos na busca do curso de “marketing no artesanato” que só chegou para as artesãs do bairro nobre. É ela a questionadora na oficina do projeto social, que é oferecido para a população pagar a conta.

⁶⁰ O Grupo de Artesanato do bairro almeja a formalização como Associação sem Fins Lucrativos, a fim de oportunizar o trabalho cooperativado e/ou na base da economia solidária. Há falta de assessoria profissional nesse sentido. As artesãs conquistaram a visibilidade de seus produtos participando de Feiras de Artesanato e Feira de Verão no município.

⁶¹ Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

Indagações são também tecidas! “Como a gente fica, depois de quem chega e vai? Como?”. As empresas chegam. Os planos e projetos sociais também. As promessas passam. Presidentes do bairro passam. Na história, que é criada com a força do tempo presente, confessa que é preciso interrogar compromissos e fraudes no corpo de conhecidos. Fala da Associação de Moradores, lembra as passagens por filas e expectativas frustradas da classificação do filho no SINE.⁶² Mostra o filho que é uma superação e que inicia sua carreira na obra das águas. A vida se move! A ginástica feita na empresa de língua estrangeira mexe além do seu corpo e das suas mãos, provoca o encorajamento diante do que não pode calar, exercita a ocupação de outros lugares, mostra o sangue da reação ao entorpecimento das colegas que não podem pagar o exame cardiológico que brota como exigência. A arte se destaca! O incômodo passando no seu corpo faz sustentar o título de “briguenta” no bairro. “Você acha que eles querem ver a gente em boa forma?... Eles dão aula de ginástica porque ficam isentos de milhões no imposto de renda e não para a gente ficar em boa forma. Não!... Então, no final das contas, é a gente que ajuda eles, e não eles que ajudam nós”. Ressalta a diferença! Com a presença que insiste silenciosamente no “entrecaminhos”, e a insistência que grita por vozes capazes de derivar o destinado, faz diferença ao penetrar, sem titubeio, nos cursos que as ONGs pulverizam no bairro, nas visitas vespertinas aos projetos sociais na busca de novidades para informar outros moradores. Ela busca o tudo que há nas ruas do colégio, na ACBR,⁶³ na política do canto, na qual reconhece sua raiz. “Acompanho tudo!”.⁶⁴ Acompanha a ideia de contar a vida traçada por um cotidiano que pulsa. Acompanha os passos da pesquisadora. Narra com histórias que lhe fazem dançar e

⁶² Uma agência do Sistema Nacional de Emprego/Ministério do Trabalho (SINE) foi instalada em 2009, efeito da apropriação dos moradores por uma reivindicação de equidade e melhor mediação nas condições de empregabilidade na região. A agência instalada movimenta importante crença de que os moradores estão mais próximos dos empregos gerados, ampliando o caráter de pertencimento nos processos econômicos e fortalecendo a participação dos próprios moradores no controle das vagas de trabalho que efetivamente surgem, mas que frequentemente lhes escapam. Há um “sentido de proximidade” que tem efeitos no “sentido de pertencimento” e na crença da reversibilidade de situações vividas no bairro.

⁶³ Referência à Associação Comunitária de Barra do Riacho, a mais forte e representativa associação de moradores no cenário de Aracruz.

⁶⁴ Acompanhar não quer dizer endossar todos os movimentos do bairro. A entrevistada fez questão de se posicionar contrária à paralisação recente, em frente a uma empresa, o que gerou tumulto, confronto com a polícia e uso abusivo de balas de borracha. Relata a sua não participação como justificativa de quem é contrária à forma como a Associação de Moradores negociou e mitigou o confronto.

planejar a dança solidária de passos comungados em grupos e associações. Na Associação que nasceu sem domínio de seu caminho, investe sua presença que faz força fazendo das ausências a reivindicação de forças outras. É um corpo que participa ativamente do movimento comunitário! Encoraja-se com o novo, anuncia o belo, aposta na imagem que torna o belo mais belo. A moça encontra nos classificados do jornal a aposta de negócio que ajuda a sustentar sua família. Ela cuidou das faxinas do chão das cifras. Decidiu pela mensagem que subtraiu leveza das datas mecanizadas. Comemorou poder contar! Comemora conosco a doçura do “marido-confeiteiro que a apoia em tudo”. Apoiou o movimentar da “auxiliar dos serviços gerais” que encontra a mulher artesã das letras na voz que surpreende desconhecidos em dias de festa. Um lugar novo para alojar a tradição de quem mora ali! Depois de enfrentar a fraqueza em viajar, hoje sustenta o sonho do negócio próprio que nasceu no puxadinho da casa própria, mantendo viagens por terras e vestimentas novas. A nativa, na veste de cidadã, mostra o sonho com o que não tem data para existir nos grupos comunitários onde se associa. Mostra o gosto de fazer o novo saltar no texto de sua vida. As datas tornam-se suas aliadas, parceiras das metas próprias, do ser humano que ela vê existir progredindo com a novidade que também reedita o bairro: “Acho que o ser humano tem que ser assim: pensar num melhor, batalhar, ir atrás do que é melhor sempre e crescer...”. No pensamento, faísca agora a fomentadora âncora do “grupo de artesanato” que é a origem de sua história nos movimentos comunitários. Pelas ruelas do bairro, ela já transporta o saber e a feitura da “telemensagem” que constitui a empreendedora e a professora no corpo da artesã. Entre o ser aluna e os ensinamentos possíveis segue construindo amigos, artesanato e poética, pode também compartilhar suas habilidades: “Ensino porque não sou egoísta. O que eu quero de bom para mim, eu quero dividir; o que é ruim, eu não quero para ninguém... é uma lição que tenho para mim: a vida é um espelho, o bom pra gente reflete o bom pros outros”. Reflete na casa nova a face da esposa-mãe. Reflete a nova data da inauguração da “lojinha” da telemensagem que germinou para ela como “engraçada e bonita ao mesmo tempo”. O que rasga seus caminhos são as trilhas de outros possíveis para o cotidiano dela e de quem se aninha ali. História contada no caminho da destreza e da alegria, mostrando o orgulho de ser mãe do seu filho, mãe dos amigos dele, dos seus sobrinhos, se a vida assim impuser. Braço, voz e contorno de uma sonhadora para

quem a alegria é caminhar pelos becos fazendo múltiplas as estradas. Uma aliada no entre os muitos caminhares! “Sou isso aí: um pouco de casa, um pouco esposa, um pouco mais mãe e um pouco de solidariedade com as pessoas. É por isso que sonho em fazer faculdade de Serviço Social. Este é o meu sonho!...”. Servir o social é mais um sonho na tez de objetivo, tudo com mês e ano para atualizar. Depois do sonho-batizado na Igreja Evangélica, do sonho-casamento com o ex-namorado, dos sonhos-cursos para alavancar o artesanato, vem “[...] o sonho de dar mais ao ser humano”. Como deu de amparo à irmã que perdeu a filha adolescente assassinada por amor... Como dá de apoio a outra familiar na cena dos “filhos sem pai”... Naquela semana dará seu tempo à senhora desconhecida do bairro ao lado na forma de mobilização da cesta básica necessária com a fome. Seu artesanato ensinou a mexer a mão que agora se estende. Assim, mexe as rendas e fitas que adornam a vida. Mexe nas comemorações do viver. Mexe com o brio e a coragem de lutar pelos “objetivos na sua vida”... “Suas lições”... Aprendizado com as facetas da vida, aprendiz do tempo e das metas que progridem. O tempo de agora comprará um carro para fazer o corpo deslocar-se de outra forma. A empreendedora agora sabe que transita firme no sonho de sonhar e na vontade de arte com buquês, cestarias e chocolates. Agora, o gosto adocicado no fazer dos sonhos é a chance de progredir no objetivo que a encoraja pelas diferentes vias, no enfrentamento do projeto social da empresa estrangeira, no enfrentamento das dores impronunciáveis da família nativa. Entre os silêncios e medos dos vizinhos eleitores, sua alma de sonhadora se acalma na tranquilidade do café e do bom sono. Na tranquilidade de saber que os seres humanos não estão sós no aqui da Barra e no acolá do mundo. O tempo para na conversa do entre nós, do mundo barrense. As palavras agora se entregam junto ao corpo que pousa das andanças nas trilhas comunitárias. Há calma no seu caminhar pelo bairro... O carro, que ainda é uma bicicleta, produz, então, uma escansão na temporalidade da história narrada. O enredo edifica: o que resta da vida é “[...] deitar no travesseiro e saber que sou honesta e não me acovardo”.

(3)

Histórias... Um canto do Brasil... Vida de brasileiros... Vidas de aracruzenses vão soprando suas existências com as brisas da agitação industrial sem fim. Os ares

sopraram sensivelmente ventos de uma periferia, um Estado que pouco apareceu na paisagem da linguagem onde o porto e as grandes cifras saltam no tempo narrado. Onde saltam o direito de trabalho e a condição de empregabilidade do adolescente que aspira a outros destinos vindos da capacitação profissional que também convoca políticas públicas. O clima é de vida se movimentando na terra de peixes frescos e de navios imprimindo a velocidade acelerada de contratos e expansões. Clima de experiência local ritmada pelos coros da industrialização e do progresso. Gentes insistindo no pouco ocasional dos isolamentos que convocam as soluções cotidianas na reinvenção de destinos sociais, isolamento geográfico que concretiza as muitas outras ventarolas marginais. Estamos no clima de corpos suados, de trabalhadores braçais, de sonhadores de outros possíveis da vida ali, dançando comungados com os Grupos, as Associações, os empregos e o gesto do trabalho. Corpos que se aninham nos barcos e nas ondas onde somam forças, almas que fazem dos sofrimentos do bairro o instrumento ético para a reunião nas ruas e no mar. A Boca da Barra, os Diagnósticos de Impacto Social, as Audiências Públicas, Assembleias e Oficinas socioeducativas são as muitas formas de reagir diante da aflição que une o morador na desunião de seus interesses e partidos políticos. Na Barra, lutas sociais são aflições no ser barrense que depois se aglutinam na cidadania não isenta dos projetos sociais, na vida das ações paradoxais, com cara de pontuais, que insistem em cantar vozes da rede complexa de instituições comunitárias. Só há projeto social no sentido em que há na vida da escola ou dos pescadores do bairro. Só acontece no projeto social o que também pode acontecer em outros espaços comunitários. O que há de pontual carrega então a gama de complexidades da Associação de Moradores ou do comércio local. O morador diz de muitas formas seus pertencimentos, para além dos interesses de ONGs e empresas civilizatórias. Portanto, entre o gosto que passa a germinar o artesanato desconhecido antes da ONG e o vazio de interessados em reuniões e oficinas educativas, há sempre formas de dizer e lutar. As estratégias e embates solucionam crises, afetos e cheiros do bairro, passos se tornam compassados e descompassados nas diferentes formas de viver ali. A higiene, então, compõe sem roubar o lugar dos botecos e das parcerias multifacetadas. A participação popular tem, enfim, a forma do disforme. É efetiva! Mostra-se nos pequenos feitos, como o gesto de visitar projetos sociais durante a tarde de primavera na busca de um bem

que pudesse servir a algum morador. População quer notícias novas, ocupa as vielas, sentam no meio-fio, enche a fila para votar na eleição da Associação. A grande força do bairro destina também grande força às ações dos projetos sociais. Agora a dureza que define as experiências humanas enclausuradas nos lados, contratos, diagnósticos e nos públicos-alvo se flexibiliza pelo bater das ondas de um mar cinza e forte. Nos projetos, no bairro, as pessoas ocupam diferentes lugares. São vozes e experiências polifônicas, com manobras entre as diversas funções e atribuições do Terceiro Setor. As oficinas, cursos e recursos seguem se acoplando às vidas, se acoplando aos negócios que não modulam, mas, de fato, se moldam àqueles que vivem uma vida diferente das nossas. Encontramos, enfim, a diversidade no nome da confluência perversa se aliançar no embate e mistura de uma experiência mundana de muitas forças. A velocidade do progresso não apenas submete. O ritmo do progredir perpassa o cotidiano da dona de casa que sonha com trabalho digno para o filho. A dignidade ganha também sentido na sobrevivência e no pertencimento aos acontecimentos industriais que dão algum valor à vida local. Retificamos, não há submissão que seja pura! O barrense é ativo na decisão de junção e mistura de velocidades e ações. Deseja. Resiste. Paralisa. Enfrenta. Acolhe novos ares. Permite com que as folhas secas da bela paisagem de outono desprendam da mangueira que dá sombra e bons frutos. Permite, assim, o sonho com a nova vida das crianças e adolescentes ao tecer projetos, instituições, ruas e lares. Agora entendemos como o agito do peito do morador é uma bandeira que encontra as leis e a militância política do ECRAD. Luta contínua, causa insistente em mexer com as urgências do agora nos tempos-efeitos do *crack* com sentido de droga. O bairro assim não se higieniza de militância e mobilização. Mostra a preocupação e o cuidado no corpo do surfista, a aposta no enlace dos corpos no mar como forma de pertencer ao bairro, forma também de construir uma experiência comunitária híbrida de motivações no viver o possível entre tantos descasos. No bairro, a vida e as histórias seguem nos encontros da terra e do mar; há café com tranquilidade, tradição com novidade, silêncio com coragem. Há encontros humanos e solidariedades ambíguas se presentificando nas histórias dos artesãos da vida... com sentidos para o viver... sentidos da vida... em corações e vidas mundanas...

[...] ⁶⁵

O tempo é de experiências derradeiras. A noite avança no cansaço que toma os corpos durante a entrevista. Cansaço, desconforto e indagações são agora aromas para a presença no sofá da casa que nos acolhe... “A história começa quando nasce?”. Começa quando?... Começa no tempo de enlace das aflições dos fins. Um tempo outro com um bairro que cresce no mapa de nossas experimentações. O novo de fato surpreende. Ocupamos outra rua, diferentes afetações movem as ventarolas da vida comum. A infância com o pai e mãe longe passa num relance da memória. Fortifica a avó e a criação na roça no interior do outro município ao norte. Nesta vida, as paredes-escola mais uma vez fagulharam forças. Forças são suficientes para mover uma história de caminhadas e cavalgadas pelos 16km que distavam a casa da menina dos cadernos e letras. A Educação apresentou a experiência da luta que preserva nas experiências do hoje. A mãe a mobiliza na luta pela vida! O cansaço vem depois do tempo inicial do casamento com o nativo barrense, da vida agitada no bairro, do envolvimento com a mãe na experiência de uma doença rara. A mudança para Barra do Riacho instigou enlances comunitários e ativou sua memória na rede de indignações diante das injustiças. Continuou a busca por instruções. A ausência da mãe na distância de sua adolescência motivou outras buscas. O pai biológico surge com surpresa numa visita do tempo recente. Momentos de desconforto agora mitigam outras indignações e moldam a luta por outros possíveis na vida dos movimentos sociais do bairro. Seus olhos se turvam diante de humilhações que desmobilizam as vias. Sua pele ojeriza egoísmos e assassinos de coletividades. Os ventos litorâneos são belas brisas que conformam sensações no corpo da revolta, os ventos que já percorreram pastos até empossar postos nos projetos sociais do lugar que toma como seu. Sua história tem, enfim, o começo na força dos acontecimentos presentes. As temporalidades multiplicarão as habilidades associadas. A vida da casa se enlaçou na força da rua e do

⁶⁵ Nossa última entrevistada tem experiência de voluntariado em diferentes projetos e ações. Também se profissionalizou como artesã e instrutora de oficinas de artesanato para crianças e adultos. Fez cursos e seminários capacitando para o trabalho nas ONGs e no Terceiro Setor. Graduou-se em Secretariado e cursa Serviço Social a distância. É especialista em Gestão de Projetos Sociais. Atualmente está engajada no movimento comunitário e intersetorial, participando do Grupo de Apoio à Infância e Adolescência do bairro.

associativismo. Promove outros laços. O padrasto querido morre. A mãe se deprime. A força recolhe revistas para transformar o tempo da depressão na novidade do artesanato nos ventos de terapia. O artesanato aprendido no “passo a passo” se multiplica na habilidade do ensino em oficinas e no voluntariado. Percorre públicos. Conquista o projeto social da empresa estrangeira. Transita na nova oportunidade de oficina do outro que acolhe seu voluntariado. As habilidades derivam pesares e fomentam o ensino das conchas do mar na forma de arte. O artesanato, os contratos de trabalho e o voluntariado tecem as “relações com a comunidade”. Sua alegria passa pelo suspiro da esperança do trabalho na grande empresa. Seus passos fazem chão para as histórias do bairro. A política comunitária é a arte que convoca mãos e afetos. Lamenta o descaso com o bairro; enfrenta as perdas de oportunidades sonhadas. Entre as belezas da arte, ela se aconchega nos braços dos movimentos feitos de trabalho sem fim. Seus passos comungam no “Grupo de Artesanato” e no “Grupo de Apoio à Infância”. O associativismo faz os dois cursos universitários comungarem com a pintura em tecidos e as velas decorativas que ensina. As cores adornam corpos barrenses. O Terceiro Setor instrui outros caminhos. A gestão da vida com adversidade não permite o recuo diante dos desafios do trabalho no projeto social da Prefeitura, não enfraquece com as viagens e noites não dormidas no leito da mãe em tratamento fora. A força ainda promove cursos, frequenta feiras, participa das reuniões comunitárias que apostam no viver no bairro. Agora a Secretaria de Cultura, o Gabinete do Prefeito e o SEBRAE conformam experiências de apoio comunitário. Outro bairro quer nascer de histórias coletivas, das ONGs entre o susto da burocratização que concorre com a mobilização. Sonhar com a ONG é também acreditar nas ruas e nas vidas do bairro. A Educação agora é no SENAI, que acolhe seu trabalho e desconhecimento pedagógico. O desconhecer é o nome da desmobilização de pessoas e sonhos na vida técnica do Terceiro Setor. A noite pesa! As forças se subtraem! Seu desabafo é o ápice da entrevista que dispensa mediador. O corpo está entregue ao tremor. A alma, ao desamparo. A alegria do associativismo se desdobra na tristeza das burocratizações e dos boicotes ao coletivo. A dor toma corpos! Suas palavras promovem o encontro do desalinho de acontecimentos do bairro. O bairro então comparece na diversidade que também acolhe a injustiça e a calúnia. O corpo, tomado pela injustiça, faz o choro empurrar as palavras. Transcrevemos suas letras.

Justificamos a ética da pesquisa e os últimos efeitos de sua analítica. A polifonia está na sua voz... O cansaço é nosso. A indignação dispensa outros dizeres do acontecimento que imobiliza, mas pode mobilizar histórias... “Foi um banho de água fria o que aconteceu com o GAIA... Eu soube do processo que o GAIA foi citado da doação do terreno... criou toda uma expectativa que se montasse uma instituição que realmente fizesse diferença em Barra do Riacho e de repente... de repente, foi tirado isso. Talvez não precisasse ser pensado desta forma, mas foi desta forma que o grupo reagiu. Por conta da retirada do terreno, o grupo não se sentiu motivado para continuar. Isso pra gente foi uma perda muito grande e não tinha a necessidade de viver em função do espaço físico. Foi a retirada do espaço físico que fez com que o GAIA se desmobilizasse, na minha opinião. As pessoas ficaram presas na questão do terreno, na questão-construção, como se fosse a única coisa que o GAIA fosse. Hoje em dia está muito complicado, porque as coisas se formataram de uma maneira que o GAIA acabou ganhando um rótulo, o rótulo de que esteve envolvido com algo ilícito, pelo fato de ter sido citado num processo contra o prefeito. Parece que nós fizemos parte de algo ilegal. Quem esteve lá sabe que não, sabe que não foi isso. Fizemos tudo de uma forma para não entrar numa dessa e acabamos entrando. Pra gente, eu tenho conversado com as pessoas e, quando eu observo, as pessoas criticam sem conhecer. Talvez tivemos alguns erros por cautela, de esperar mais um pouco para divulgar o GAIA; não é o momento agora, a gente pensava, tá vindo campanha política... e foi justamente por isso que nós fomos apanhados, vamos dizer assim. E, para quem esteve lá este tempo todo, dois anos e meio participando, sonhando, querendo realmente com que alguma coisa fosse feita por Barra do Riacho, e ter acontecido tudo isso... aí... Parece que não se sabe... Fica muito complicado fazer alguma coisa em Barra do Riacho, porque tem sempre alguém que é contra, porque não parte dele. Tem sempre alguém achando que você quer ser mais do que o outro. Passando por cima. Ninguém consegue fazer nada porque os grupos se dividem. Não é uma perda de tempo fazer parte de um grupo que queira algo melhor para comunidade. Mas, uma vez que não consegue fazer o que sonha, pensa, planeja, aquilo que faz deixar tantas coisas... como já cansei de chegar do hospital, cansada, de abrir mão da minha família para fazer reuniões e, de repente... de repente, tanto esforço... e nada... tanto com o grupo de artesanato como com o GAIA... Pessoas de Aracruz que rotulam Barra do Riacho como

peessoas de prostituição, de drogas... não moram aqui. Não vivem o que a gente vive. Não passam pela insegurança que a gente passa. Pessoas vão buscar emprego e têm que dizer que não moram em Barra do Riacho, porque não são contratadas. Isto mudou um pouco de um ano pra cá... Mas as pessoas não podem dizer que moram aqui porque são rotuladas de prostituta, de vagabundo, de preguiçosos, de drogados, de bandidos... E quando vêm todas estas empresas para cá e tiram todas as riquezas daqui, e a gente fica com o caos do progresso... E quando se quer fazer políticas públicas e um trabalho aqui, se é impedido por causa de picuinhas políticas... Uma briga de vaidade... E eu me pergunto: vale à pena colocar o tempo nisso? Não sei... Sinceramente... dói muito... A gente vai pras reuniões, conversa... A gente tá cansado de diagnósticos... a gente faz diagnósticos, a empresa faz, e mais um... e mais outro e não passa disso... E quando se quer realmente efetivar?! Concretamente, se tira... aí... se tira”.

6. O SOL AQUECE O QUE HÁ DE ÍNFIMO NA VIDA

Quanta beleza há na simplicidade
 Pouco visível que quase indizível...
 É bom acolher ao homem humilde
 Amparar-lhe, dar de ouvidos...
 Conhecer-lhe a história
 Numa tarde sem terminação.

Triste de quem não desvenda
 A naturalidade desafeta...
 A celebração da amabilidade.
 Belo é o encontro das almas
 Expostas em narrativas remotas
 Nas tardes sem terminação.

(Simplicidade; SAIONARA CRISTINA DOS SANTOS, 2007)

O Sol aquece o ínfimo. Esquenta ainda alguma fração de ideias nesse processo sem terminação... O que faria um surfista manter as atividades de um projeto sem financiamento e sem parcerias formais durante anos? O que provoca a participação discreta e insistente da artesã nas Associações sem ações sociais efetivas? Como a vida é cantada no bairro diante do constante tensionamento mobilização/desmobilização?

Perguntas simples não nos escapam neste momento para este fim que é peculiar. Para nossa não surpresa, fomos convocada pelas derivas da dissertação, não menos, pelas mudanças de rota experimentadas pela própria pesquisa. Anunciamos essa possibilidade. Buscamos, em perspectivas filosóficas e diferentes teorias, os argumentos que compusessem esse acontecimento como um dos efeitos da experiência. Mais do que isso, que fundamentassem conosco uma perspectiva ética que compreendesse relevância exatamente em um movimento singular de variações na pesquisa, na vida.

Mas como nos localizar aí? Como produzir alguma consideração, ainda que sem pretensão de que seja fechada e conclusiva? Ainda que seja para fazer uma conclusão-simples, efeito de fragmentos-simples, de uma pesquisa que por fim testemunha a beleza que há na simplicidade de existências humanas?

Ao colocarmos os pés calejados em solo brasileiro, localizamos o comum e o incomum de uma experiência local, mundana, periférica – ao mesmo tempo tão pertencente a outras espacialidades e temporalidades. Em benefício dessa concretude, exercitamos suportar as polêmicas geradas com a ótica acadêmica e bibliográfica em torno dos Movimentos Sociais, melhor dizendo, os ditos movimentos sociais modernos ou novos movimentos sociais. Aqueles que pulverizam questionáveis nomenclaturas, características, modulações, que ajudam a polemizar noções como a de “política”, “cidadania”, “direitos”, que se assentam nas críticas aos modos como essas experiências se corrompem ou se deterioram com os atravessamentos de um Mercado que não deixa de ser encarnado e de produzir barbáries. Reconhecemos a importância de algumas críticas e a pertinência de certas ponderações teóricas. Mobilizou-nos, contudo e sobremaneira, a tentativa de acolher esses “fatos encerrados no terreno do Terceiro Setor”, na esperança de encontro com os moradores de Barra do Riacho. Desejamos interagir com o que poderiam dizer e construir de desvios nas ideias endurecidas de “participação popular” e “movimento social”, por exemplo.

Foi nesse caminho que entendemos: as pessoas, na concretude da vida comum, vivem em um bairro como tantos outros e ainda constroem um canto cheio de riquezas ímpares, como não raro na imensidão deste país. Os seres humanos “ocupam a vida” e tecem as experiências do bairro de tantas formas, motivados por razões desconhecidas, mas que estão aí movimentando o cotidiano meio a gritos ensurdecadores e silêncios audíveis de soluções para os impasses da vida, para os impasses e conflituosidades do Terceiro Setor.

Nós também produzimos essas realidades! Se, como cientistas, pesquisadores, estudiosos, reconhecemos que a vida não se faz alheia de produções de existências, de determinismos, fortes ideologias e massificações, nós aprendemos também que a vida se faz vivendo e não se higienizando dos paradoxos e contradições do mundo. Nosso lugar é ínfimo e tem limitadas formas de acesso a um mundo que descama nossas vaidades em detrimento da alteridade. Um mundo que força deslocar o ímpeto e a predominância das nossas ideias iniciais, os muitos conceitos e teses, que encontra, na vida comum, um assento para uma abordagem de ciência que não apaga os elementos simples da vida dos brasileiros que

participam dessas ações sociais. Todos nós tecemos as modulações! Inventamos com os determinismos e com o desconhecido. Criamos com o que se tem e com o que não se conhece. Podemos nos entregar a experiências que são marcadas pelo inusitado e pela ousadia de lutas e sonhos.

“Vamos tia? Vamos viajar no ônibus que voa?” é a frase que fagulha agora a partir do convite que recebemos de uma criança de oito anos em Barra do Riacho. Um clamor de outros ares. Um pedido de compartilhamento de mundo. O ônibus referido era a estampa do “bondinho do Pão de Açúcar” no peito da pesquisadora, um colorido da camisa do Fórum Mundial Descentralizado de 2008. Nosso bondinho foi um ônibus para a pequena sonhadora. Um ônibus que busca o ar, que anseia o voo, que areja as durezas da vida, que convida ao enlace que pode compreender a vida no plural. Agora sabemos que a dissertação, como texto, pode ser o mesmo. Provocar voos, produzir deslocamentos e viagens, acolher sonhos. Ser também arma de luta diante de determinismos e tiranias sutis.

Agora, a pesquisa, a rua, a bicicleta, o *surf*, o projeto social, as leituras, o ônibus que voa...

A música, a escola, o artesanato, a Associação de Moradores... Todas as simplicidades que acolhem o nosso peito na imensidão da vida que germina, simplicidades que aquecem a alma... e que certamente podem fazer derivar também nossas vidas!

7. REFERÊNCIAS

ABONG. **Quantas ONGs existem no país?** Disponível em: <www.abong.org.br>. Acesso em: 31 ago. 2008.

ALTOÉ, Sônia (Org.). **René Lourau**: analista institucional em tempo integral. São Paulo: HUCITEC, 2004.

ARACRUZ. **Cidade**. Disponível em: <www.pma.es.gov.br>. Acesso em: 11 jul. 2010.

ARAGÃO, Elizabeth Maria Andrade. Violência, exclusão social e desenvolvimento. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE PSICOLOGIA SOCIAL E DO DESENVOLVIMENTO / ENCONTRO NACIONAL DA PROCAD- PSICOLOGIA/CAPES, 10., 2005, Vitória. **Anais violência e desenvolvimento**: textos completos. Vitória: Editora, 2005. 1CD-ROM.

ARAGÃO, Elizabeth Maria Andrade. **A gente não desiste porque sonha**: a história anônima dos conselheiros tutelares de Cariacica. 2004. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Pós Graduação em Psicologia Social, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2004.

_____; NOVO, Helerina. Histórias, sonhos e lutas de conselheiros tutelares de Cariacica. In: MARCONDES, Adriana; FERNANDES, Ângela; ROCHA, Marisa da. (Org.) **Novos possíveis no Encontro da Psicologia com a Educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 207-226.

ATAIDE, Yara Dulce Bandeira de. **Clamor do presente**: história oral de famílias em busca da cidadania. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BAPTISTA, Luis Antonio. **A cidade dos sábios**: reflexões sobre a dinâmica social nas grandes cidades. São Paulo: Summus, 1999.

_____. A estátua e o balanço: considerações sobre a história. **Revista do Departamento de Psicologia UFF**, Niterói, ano 1, n. 1, p. 49-57, 1989.

_____. O veludo. In:_____. **O veludo, o vidro e o plástico**: desigualdade e diversidade na metrópole. Niterói: EdUFF, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as conseqüências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BARROS, Elizabeth Barros de (Org.). **Psicologia**: questões contemporâneas. Vitória: EDUFES, 1999.

BARROS, Elizabeth Barros de; HECHERT, Ana Lúcia; Desafios metodológicos para a pesquisa no campo da psicologia: o que pode uma pesquisa? In: MARCONDES, A; FERNANDES, A; ROCHA, M. (Org.) **Novos possíveis no encontro da psicologia com a educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 85-116.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In:_____. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BOSI, Ecléa. Tempo de lembrar. In:_____. **Memória e sociedade**: lembranças de Velhos. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1987.

_____. Sobre o conceito de história. In:_____. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222-232.

BERGSON, Henri. Da evolução da vida: mecanismo e finalidade. In:_____. **A evolução criadora**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. cap 1, p.1 - 106.

_____. O possível e o real. In:_____. **O pensamento e o movente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. cap. 3, p.103-122.

DAGNINO, Evelina (Org.). **Sociedade civil e espaços públicos no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. ¿Sociedade civil, participação e cidadania: de que estamos falando? In: MATO, Daniel (Coord.). **Políticas de ciudadanía y sociedad civil en tiempos de globalización**. Caracas: FACES, Universidad Central de Venezuela, 2003. p. 95-110.

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. DELEUZE, Gilles. **Abecedário de Gilles Deleuze**. Paris: gravadora, 1988/1999. 1 disco.

_____. Introdução: Rizoma. In: _____. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1995.

_____. **A imanência**: uma vida. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Disponível em: <<http://tomaztadeu.com/imanencia.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2008.

_____. Um novo cartógrafo (vigiar e punir). In: _____. **Foucault**. 2. ed. Brasília: Ed. Brasiliense, 2005. p. 33 - 53.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: _____. **Ditos & escritos IV**: estratégia, poder-saber. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 203 - 222.

FREUD, Sigmund. Construções em análise. In: _____. **Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **Walter Benjamin**. 2. ed. São Paulo: 1993.

GOHN, Maria da Glória. **Os sem-terra, ongs e cidadania**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. 4. ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2004.

_____. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. Educação, multiculturalismo e movimentos sociais. In: REUNIÃO REGIONAL DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO, 2007, Vitória. **Anais**. Vitória: ANPED, 2017. 1 CD - ROM.

KASTRUP, Virginia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 19, p. 15-22, 2007.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

LOURAU, RENÉ. **Análise institucional e prática de pesquisa: René Lourau na UERJ**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1993.

_____. Implicação e sobreimplicação. In: ALTOÉ, Sonia (Org.). **René Lourau: analista institucional em tempo integral**. São Paulo: HUCITEC, 2004.

MACHADO, Leila Domingues. Ética. In: BARROS, Elizabeth Barros de (Org.). **Psicologia: questões contemporâneas**. Vitória: EDUFES, 1999.

MARTINS, José de Souza Martins. **Exclusão social e a nova desigualdade**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1997.

MARTINS, José de Souza Martins. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história da modernidade anômala**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

OLIVEIRA, Francisco de; RIZEK, Cibele Saliba (Org.). **A era da indeterminação**. São Paulo: Boitempo, 2007.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração universal dos direitos humanos**. Disponível em: < www.onu-brasil.org.br >. Acesso em: 8 abr. 2009.

PAULON, Simone Mainieri. A análise de implicação como ferramenta na pesquisa-intervenção. **Psicologia & Sociedade**, v.17, n. 3, p. 18-25, set./dez. 2005.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da história viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

ROCHA, Marisa Lopes da; AGUIAR, Kátia Faria de. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 23, n. 4, p. 64-73, 2003.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. O silêncio dos vencidos. In: _____. **No rastro dos “cavalos do diabo”**: memória e história para uma reinvenção de percursos do paradigma do grupalismo-institucionalismo no Brasil. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, Instituto de Pesquisa, São Paulo, 2002.

ROLNIK, Suely. **Cidadania e alteridade**: o psicólogo, o homem da ética e a reinvenção da democracia. Disponível em: <www.pucsp.br> Acesso em: 7 set. 2007.

SADER, E. **Quando novos personagens entraram em cena**: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 15. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Record, 2008.

SAWAIA, Bader (Org.). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 1999.

STANGE, Janaina Madeira Brito; ARAGÃO, Elizabeth Maria Andrade. Fomentando o cotidiano em bairro de peixes frescos. In: CONGRESSO INTERNACIONAL UFES/ UNIVERSITÉ DE PARIS–EST, 2., 2009, Vitória. **Anais digital**. Vitória: PPGHIS-UFES, 2009.

TELLES, Vera da Silva. **Medindo coisas, produzindo fatos, construindo realidades sociais**. Palestra proferida no Seminário Internacional sobre indicadores sociais para inclusão social/PUC, São Paulo, 16 maio 2003.

_____. **Direitos sociais**: afinal do que se trata? Conferência proferida em 12 de maio de 1997. Evento Direitos Humanos no Limiar do século XXI – Centro Cultural Maria Antonia. Biblioteca Virtual USP, São Paulo.

APÊNDICE

8. APÊNDICE – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA A PARTICIPAÇÃO EM PROJETO DE PESQUISA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO DA NARRATIVA

Concordo com a participação no projeto de pesquisa abaixo discriminado, nos seguintes termos:

Projeto: Um soluçar de vida: cantos ecoando com os projetos sociais de Barra do Riacho

Responsável: Janaina Madeira Brito Stange – PPGPSI-UFES

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Elizabeth Maria Andrade Aragão – PPGPSI-UFES

Identificação do sujeito entrevistado:

Nome: _____

Idade: _____

R.G. n.º: _____

End.: _____

Justificativa e objetivo da pesquisa:

Tendo em vista a implantação de Projetos Sociais na comunidade de Barra do Riacho – Aracruz/ES, a atuação de empresas, entidades sem fins lucrativos (ONGs), o Estado na rede de manutenção dos projetos e a proposta de benefício social inerente a essas iniciativas, nosso estudo objetiva: a) construir um diálogo com o campo dos Movimentos Sociais, por meio das histórias de vida narradas por participantes de projetos sociais em Barra do Riacho/Aracruz/ES; b) apresentar como a história de vida dessas pessoas se entrelaça com a participação nos projetos sociais; e c) conhecer as lutas e sonhos dessas vidas e das experiências construídas com os projetos sociais do bairro.

Descrição dos procedimentos a que o sujeito será submetido:

Os participantes dos projetos sociais serão entrevistados pela pesquisadora, que demandará que narrem suas histórias de vida na forma de entrevista aberta e disparada pela colocação: “Podemos, então, conversar sobre a vida? Você pode me contar sua história?”. As narrativas serão espontâneas, com duração máxima, até que entrevistado e entrevistador definam o seu término. As entrevistas serão gravadas em áudio como prova documental.

Benefícios esperados:

O estudo possibilitará conhecer esses movimentos sociocomunitários, as lutas sociais empreendidas por essa comunidade e o entendimento da participação da população nas atividades dos projetos sociais. As informações possibilitarão uma análise, que deve contribuir para que as experiências dos projetos sociais se sustentem nos interesses de vida da população para quem se destinam. A população deve se beneficiar com a possibilidade de contar sua história local, dando visibilidade às suas vinculações sociais e a seus anseios de vida. O estudo deve contribuir para o debate democrático em torno das atuações de ONGs, favorecendo a construção de políticas públicas embasadas em experiências concretas.

Estando assim de acordo, assinam o presente Termo de Compromisso em duas vias.

Aracruz, _____ de _____ de _____.

Representante Legal

Responsável pelo Projeto

Prova documental: Cópia de documentação pessoal em anexo.

Autorização

Confirmo ciência do texto produzido a partir da entrevista “História de vida” concedida e concordo com a sua publicação na dissertação abaixo discriminada:

Projeto: Um soluçar de vida: cantos ecoando com os projetos sociais de Barra do Riacho

Responsável: Janaina Madeira Brito Stange – PPGPSI-UFES

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Elizabeth Maria Andrade Aragão – PPGPSI-UFES

Identificação do sujeito entrevistado:

Nome: _____

Idade: _____

R.G. n.º: _____

End.: _____

Estando de acordo, assinam a presente Autorização em duas vias”.

Aracruz, _____ de _____ de _____.

Representante Legal

Responsável pelo Projeto

